

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

ANDRÉ ALVES PEREIRA DE QUADROS

**COOPERATIVA CASTROLANDA: AS ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO EM
CASTRO-PR**

PONTA GROSSA

2024

ANDRÉ ALVES PEREIRA DE QUADROS

**COOPERATIVA CASTROLANDA: AS ESTRATÉGIAS DE IMPLANTAÇÃO EM
CASTRO-PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Geociências, Setor de Ciências Exatas e Naturais, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Professor. Dr. Edson Belo Clemente de Souza.

PONTA GROSSA

2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**



**FOLHA DE APROVAÇÃO
ATA DE DEFESA**

Aos 04 dias do mês de novembro de dois mil e vinte e quatro, na sala XXXXXXXX, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos(as) professores(as): Edson Belo Clemente de Souza (Presidente-Orientador), Samara Lima (membro) e Adriana Aparecida de Andrade Cham (membro) para a análise do trabalho de Conclusão de Curso sob o Título “Cooperativa Castrolanda: as estratégias de implantação em Castro-PR”, elaborado pelo(a) concluinte André Alves Pereira de Quadros do Curso de Licenciatura em Geografia. Aberta a sessão, o(a) autor(a) teve vinte minutos para a apresentação do seu trabalho, sendo, posteriormente, arguida pelos integrantes da banca. Após o procedimento da avaliação, chegou-se aos seguintes resultados:

O trabalho foi considerado Aprovado

Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a presente sessão, da qual lavrou-se a presente ata que vai assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

1) Presidente:

2) Membro 1:

3) Membro 2:

Documento assinado digitalmente
SAMARA HEVELIZE DE LIMA
Data: 04/11/2024 17:41:12 -0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ponta Grossa, 04 de novembro de 2024.

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO ÉTICO

Eu, André Alves Pereira de Quadros RA: 21000502, RG: 14.089.355-2, asseguro que o Trabalho de Conclusão de Curso foi por mim elaborado e portanto, responsabilizo-me pelo texto escrito que apresenta os resultados de minha pesquisa científica.

Atesto que todo e qualquer texto, que não seja de minha autoria, transcrito em sua íntegra ou parafraseado de outros documentos, estejam eles publicados ou não, estão devidamente referenciados conforme reza a boa conduta ética, o respeito aos direitos autorais e à propriedade intelectual.

Tenho conhecimento de que os textos transcritos na íntegra de outras fontes devem apontar a autoria, o ano da obra, a página de onde foi extraído e ainda apresentar a marcação de tal transcrição, conforme as regras da ABNT. No caso de paráfrase, o trecho deve vir com a referência de autoria e ano da obra utilizada.

Além disso, declaro ter sido informado pelos responsáveis do Curso de Licenciatura em Geografia das leis que regulam os direitos autorais e das penalidades a serem aplicadas em caso de infração, conforme constam na Lei 10.695 de julho de 2003.

Sendo assim, declaro que estou ciente de que, caso infrinja as disposições que constam na Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998, serei responsabilizado juridicamente pelos meus atos e terei que arcar com qualquer prejuízo moral e financeiro deles decorrentes.

Ponta Grossa, 21 de outubro de 2024.

André Alves P. de Quadros

Assinatura do Acadêmico

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me guiar até este momento.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que, de diferentes formas, contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço esse momento à minha família, Maria e Dionea por serem meu apoio incondicional, me incentivando durante os últimos anos na minha trajetória acadêmica e tendo sido a base e força em todo esse tempo.

Ao meu orientador, Professor Dr. Edson Belo Clemente de Souza, pela orientação, pela paciência, pelos conselhos, contribuindo com o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também aos professores do Departamento de Geociências, que contribuíram com seu conhecimento ao longo destes quatro anos de graduação.

Aos colegas e amigos, que compartilharam momentos de estudo, aprendizado e motivação, em especial André Zan, que contribuiu muito para o desenvolvimento desta pesquisa, auxiliando em todo o trabalho e nas pesquisas em Castrolanda, além dos colegas e amigos da Instituição Nayara, Samara, Marlon, Rosiane e Maria e também aos colegas da Escola Mariana especialmente Beatriz e Hualitana, no qual, aprendo todos os dias profissionalmente juntamente com os alunos.

Por fim, deixo meu agradecimento a todos os que, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho e para a realização desta etapa tão importante da minha vida. A cada um de vocês, meu muito obrigado!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de análise a Cooperativa Castrolanda fundada por imigrantes neerlandeses em 1951 e localizada no Município de Castro. O trabalho tem como objetivo analisar o papel da tríade social (cooperativa, igreja e escola) na formação da comunidade de Castrolanda, destacando suas influências sociais e econômicas. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental como atas, relatórios anuais, estatutos, pesquisas acadêmicas e entrevistas com membros da comunidade. Os resultados da pesquisa demonstram os fatores envolvidos na dinâmica organizacional da Tríade da Colônia Castrolanda. Concluiu-se que a Tríade contribui de forma significativa para o desenvolvimento de Castrolanda, sendo um dos principais agentes na organização espacial de Castrolanda.

Palavras-chave: Cooperativismo; Neerlandeses; Tríade Social.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa: Localização da Colônia Castrolanda no Município de Castro, Paraná	16
Figura 02 – Mapa: Loteamento de terras Brazil Railway Company em Carambeí, Castro, 1910.	24
Figura 03 – Primeira fábrica de queijos da Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios, Colônia Carambeí, Castro Paraná.	25
Figura 04 – Estampa da marca Batavo em produtos de queijo, 1928.	25
Figura 05 – Comissão técnica para avaliação de terras, Castro Pr, 1950.	28
Figura 06 – Mapa: Loteamento de terras Colônia Castrolanda.	30
Figura 07 – Fotografia de treze dos membros originais da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale.	37
Figura 08 – Grupo de mulheres participantes da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale.	38
Figura 09 – Mapa: Localização das Colônias Neerlandesas do Paraná.	47
Figura 10 – Indústria de Laticínios Cooperativa Castrolanda.	51
Figura 11 – Leite Comercializado pela Cooperativa Castrolanda.	51
Figura 12 – Escritório sede da Matriz Cooperativa Castrolanda.	52
Figura 13 – Fábrica de Rações sede Cooperativa Castrolanda.	53
Figura 14 – Mapa: Unidades de produção Castrolanda.	53
Figura 15 – Marcas próprias da Cooperativa Castrolanda.	54
Figura 16 – Feira da Agroleite em Castro PR.	55
Figura 17 – Marcas e produtos da Intercooperação Unium.	55
Figura 18 – Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda (IER).....	57
Figura 19 – Igreja Católica: Capela São Pedro.	58
Figura 20 – Escola Prins Willem Alexander.....	62

Figura 21 – Escola Evangélica da Comunidade de Castrolanda.....	63
Figura 22 – Colégio Estadual do Campo Castrolanda.	63
Figura 23 – Escola Municipal Professor Relindes Capilé.	64
Gráfico 01 – Produtividade da Cooperativa Castrolanda.	56

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABC – Arapoti, Batavo e Castrolanda.

ACI – Aliança Cooperativa Internacional.

AASC - Associação de Assistência Social de Castrolanda.

CAPAL - Cooperativa Agropecuária Arapoti.

CACJ - Centro de Atendimento à Criança e ao Jovem.

CCC – Centro Cultural Castrolanda.

C.C.E - Central Cristã de Emigração.

C. E. G. B - Cooperativa de Emigração em Grupo para o Brasil.

CCLPL - Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

IAPAR – Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná.

IER - Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda.

JAC - Programa de Jovem Aprendiz Cooperativo.

NCRV (Nederlandse Christelijke Radio Vereniging = Associação Cristã Holandesa de Rádio).

PROFICE - Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura do Paraná.

RECOOP - Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 01 - Histórico da Cooperativa e Colônia Castrolanda	16
1.1 O processo de imigração	17
1.1.1 Colônia de Carambeí: formação e consolidação	22
1.2 A Colônia Castrolanda	26
1.2.1 Cooperativa de emigração	28
1.2.2 O Estado do Paraná	30
CAPÍTULO 02 – O Cooperativismo sob o ponto de vista teórico e histórico	33
2.1 O caso de Rochdale	36
2.1.1 Histórico do cooperativismo no Brasil	41
2.2 O lugar enquanto instância espacial da cooperativa	42
CAPÍTULO 03 – Agentes produtores do Espaço	45
3.1 Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda	46
3.2 Reestruturação produtiva da Cooperativa Castrolanda	50
3.2.1 Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda	57
3.2.2 Educação em Castrolanda	61
3.2.3 Centro Cultural Castrolanda	64
3.2.4 Tríade social: a importância para comunidade de Castrolanda	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81
ANEXO A – ESTATUTOS DA COOPERATIVA DE EMIGRAÇÃO EM GRUPO PARA O BRASIL (C. E. G. B.) EM NEERLANDÊS	86
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA CCC ENTRE SONHOS E REALIZAÇÕES: A MEMÓRIA VIVA EM CASTROLANDA	87

Introdução

A presente pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como principal objeto de estudo a Cooperativa Agroindustrial Castrolanda, fundada por imigrantes neerlandeses em 1951 e localizada no município de Castro, estado do Paraná. Assim, tem como objetivo analisar a relação entre essa empresa e a comunidade de imigrantes neerlandeses na qual se originou e se encontra inserida, por meio da tríade cooperativismo, educação e religião. Esta abordagem, entre os vieses económicos, culturais e sociais e a atuação da cooperativa, encontra-se alicerçada desde a década de 1950.

A análise se relativiza no tempo e no espaço, pois, busca-se a trajetória da cooperativa desde sua fundação, ainda nos Países Baixos, com a finalidade de organizar a emigração para o Brasil, até os dias atuais, enquanto uma empresa inserida na lógica de mercado nacional.

Neste sentido, as questões a serem abordadas neste trabalho perpassam a relação da Cooperativa com a comunidade de imigrantes e seus descendentes, os quais foram seus fundadores e ainda hoje representam cerca de 25% do quadro de cooperados da mesma.

A cooperativa está localizada no município de Castro, estado do Paraná, distante de 159 km de Curitiba-Paraná, e que faz divisa político-administrativa com os seguintes municípios: Piraí do Sul, Doutor Ulysses, Cerro Azul, Rio Branco do Sul, Itaperuçu, Campo Largo, Ponta Grossa, Carambeí e Tibagi.

Castrolanda é um bairro de Castro, com sua organização social composta pelos pilares da educação, religião e cooperativismo, respectivamente representados pela escola, pela Igreja Evangélica Reformada e pela Cooperativa Agroindustrial Castrolanda, estes valores e instituições perpassam a vida cultural, social e econômica da colônia. É através desta Tríade Social que a Comunidade de Castrolanda organizou os seus modos de vivência de maneira a fortalecer a Cooperativa e manter as relações com o seu país de origem e sua cultura.

Posto isso, a questão de partida da presente pesquisa pode ser sintetizada na pergunta que se segue: A partir da perspectiva da Tríade Social, qual o papel desempenhado pela Cooperativa Castrolanda na vida social, cultural e econômica da Colônia Castrolanda?

Buscando identificar como isso se insere em suas práticas culturais, que mantêm uma relação ainda com os Países Baixos, e se intercalam com práticas culturais do Brasil. Essa análise problematiza como o Trípode se torna um discurso que busca preservar certos valores considerados importantes pelos primeiros imigrantes, mas que por sua vez não se encontram respaldados nos indivíduos das gerações mais novas da comunidade.

A justificativa para realizar essa pesquisa se iniciou a partir da vivência do autor enquanto morador do município de Castro, o qual apresenta grande influência da já citada Cooperativa Castrolanda. Essa influência perpassa principalmente a perspectiva econômica, tendo uma parcela de grandes latifundiários do município se encontra vinculada a Cooperativa Castrolanda, independente da sua origem étnica, os pequenos produtores não se inserem neste contexto. Também as atividades econômicas fomentadas pela Cooperativa apresentam grande relevância para o município, a exemplo da expressiva produção leiteira, situação que favoreceu que o município tenha sido reconhecido como Capital Nacional do Leite, através da Lei Federal nº 13.584, de 2017, e de eventos ligados ao setor agropecuário que reúnem participantes de vários locais do Brasil e exterior.

Através da experiência do autor como estagiário no Centro Cultural Castrolanda (CCC)¹ - instituição de memória ligada à imigração neerlandesa em Castrolanda – entre os anos de 2021 e 2023, no âmbito do projeto PROFICE² “Entre sonhos e realizações: a memória viva de Castrolanda”, foi possível conhecer um pouco das perspectivas da atuação da Cooperativa para a comunidade da Colônia.

O projeto PROFICE se constituiu como parte de uma estratégia de história oral da instituição, tendo sido realizadas entrevistas com imigrantes e descendentes, em sua maioria cooperados da Cooperativa Castrolanda. Desta forma, a experiência do estágio possibilitou ao autor aprofundar seus conhecimentos da organização interna da comunidade de Castrolanda, extrapolando a visão externa que grande parte dos moradores de Castro pode apresentar da relação entre Colônia e Cooperativa. Isto

¹ O Centro Cultural Castrolanda reúne dois prédios que são: Memorial da Imigração Holandesa inaugurado em 2001, e o Museu Histórico de Castrolanda, de 2016, ambos os espaços são ligados a preservação da cultura e memória da comunidade.

² O PROFICE é o Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura do Paraná que, por meio da renúncia fiscal de ICMS, possibilita a valorização, a produção, a difusão, a circulação, a pesquisa e a preservação dos bens culturais, além de ações de caráter educativo para a arte e a cultura no Estado.

possibilitou a identificação de fatores possíveis de serem explorados em uma pesquisa acadêmica.

Esse projeto contou com a participação por meio de entrevista de mais de 110 pessoas, sendo imigrantes, descendentes, cooperados ou não e demais pessoas ligadas à cooperativa e à comunidade de Castrolanda, mas de maneira geral o projeto visava os moradores que constituem a comunidade. Neste contexto, o autor teve contato com uma cultura totalmente diferente da sua, exercendo funções de manuseio de equipamentos de gravação audiovisual e posteriormente anexando ao acervo audiovisual da instituição desse material. Nessas funções estavam incluídos os processos de decupagem e transcrição das entrevistas, que foram realizadas nos idiomas neerlandês e português.

Através das falas de cada entrevista era perceptível que a comunidade não apresenta uma visão homogênea e uma ideologia totalmente igualitária. No que se refere ao objeto de estudo desse trabalho, a Tríade Social, era notável que a geração idosa defendia a manutenção desse sistema, mas não eram todos os imigrantes idosos que possuíam a mesma visão. Eram realizadas críticas a própria comunidade e principalmente a atuação da Cooperativa nos dias atuais com o seu quadro de sócios cooperados. No decorrer do projeto foram entrevistados também a nova geração, que em sua maioria não nasceu nos Países Baixos, mas sim no Brasil e no Município de Castro. Nessas entrevistas eram criticadas a maneira como a Tríade funciona e como a comunidade deveria ser mais aberta às demais pessoas que não constituem o grupo étnico neerlandês.

A ausência de pesquisas que aprofundem a análise do papel da Cooperativa na estrutura social da tríade torna a presente pesquisa pertinente ao se propor a analisar e compreender as dinâmicas envolvidas neste processo. Também se torna pertinente ao abordar a organização interna desses imigrantes e seus descendentes, os quais mesmo não se tratando da imigração mais expressiva em termos numéricos no município de Castro³, destaca-se pelo papel econômico e cultural que apresenta no município, fomentando atividades econômicas, culturais, turísticas e sociais em Castro.

É nesse sentido que os objetivos do trabalho analisam de uma forma comparativa e crítica como a Cooperativa exerceu e exerce influência nas relações

³ Cerca de 50 famílias de imigrantes neerlandeses se estabeleceram em Castrolanda entre os anos de 1951 e 1954, totalizando cerca de 300 imigrantes.

sociais, culturais e econômicas dos moradores da colônia e como esse discurso transmite imagem de uma comunidade unida, próspera e consolidada, o que muitas vezes não é a realidade. O trabalho terá em seu desenvolvimento procedimentos teóricos e metodológicos que consistem em realizar um Estado da Arte com uma ampla bibliografia que tenha como temática Cooperativismo, Castrolanda, imigração, neerlandeses e conceitos geográficos como o conceito de Lugar que terá como fundamentação teórica a obra “Da Totalidade ao Lugar” de Milton Santos.

As variáveis técnicas utilizadas no trabalho serão fontes primárias e secundárias, sendo as primárias a consulta de diferentes documentos e acesso a entrevistas realizadas pelo Centro Cultural, no qual contou com a observação participante do autor no trabalho com uma equipe que totalizava seis estagiários, dois supervisores desempenhando cargo de historiadores, duas entrevistadoras que faziam parte da comunidade, e assessoria da empresa Viés Cultural Museologia e Patrimônio⁴

As entrevistas foram realizadas no idioma neerlandês e português, entre as datas de 09/12/2021 e 15/08/2023, totalizando um número de 116 entrevistas. No que se refere as entrevistas em neerlandês, foram entrevistadas quarenta e quatro pessoas, sendo trinta e oito mulheres e seis homens. Apesar de conter um vasto e rico material para esse trabalho não serão utilizadas devido à dificuldade de compreensão do idioma, além disso não foram realizadas decupagens e transcrições dessas entrevistas. No que tange as entrevistas realizadas no idioma português, totalizaram setenta e duas entrevistas, sendo entrevistadas trinta e duas mulheres e quarenta homens. No total foram realizadas quarenta e quatro decupagens e transcrições deste material.

A maior parte das entrevistas foram gravadas em formato de vídeo e áudio, algumas, atendendo os pedidos das pessoas que eram entrevistadas, gravando somente em áudio. As entrevistas abordaram diferentes temáticas, mas boa parte tinha como seu principal tema o Tríade Social e a atuação da Cooperativa Agroindustrial Castrolanda, consolidando-se como rica fonte para o trabalho desenvolvido. Nas entrevistas serão considerados os seguintes pontos de análise para pesquisa: Qual era a relação entre as pessoas na comunidade? Qual o papel da Cooperativa? Como ocorreu o desenvolvimento da Cooperativa e o desenvolvimento

⁴ Instituição que oferece soluções para gestores do setor público e da iniciativa privada por meio de assessoria cultural em especial para museus e centros culturais.

com a comunidade? Qual a importância da Cooperativa Castrolanda? Como a fé influenciou na União entre a comunidade? Qual a relação da Igreja com outras dominações? Quais são as lembranças da escola? Como foi a adaptação com a Língua Portuguesa?

As fontes secundárias consistem em analisar dados estatísticos, como atas, relatórios, entre outros documentos que foram disponibilizados pelo Centro Cultural e a Cooperativa - em destaque os relatórios anuais que apresentam o balanço comercial e produtivo de toda a Cooperativa.

A Cartografia, como ramo da Geografia, será empregada no trabalho com a utilização de mapas produzidos por outros autores demonstrando a localização geográfica de Castrolanda, comparadas com as demais colônias neerlandesas no estado do Paraná, além dos municípios que contém unidades produtivas de Castrolanda.

A base teórica do trabalho tem como apoio a conceituação de cooperativismo com base em autores como Sergio Fajardo e Marcio Mendes Rocha, ambos geógrafos, que em suas principais obras apresentam temas como cooperativismo, agricultura e espaço rural. Uma das principais obras de ambos é: “Cooperativismo e contradições: O caso brasileiro” (2018).

Castrolanda é um tema que é abordado não apenas pela Geografia, ela pode ser abordada em diferentes trabalhos que envolvam as Ciências Exatas, Naturais, Humanas e demais áreas científicas afins. Nesse sentido, serão utilizados como fundamentação teórica trabalhos desenvolvidos no aspecto humano que abordem elementos culturais, sociais e princípios cooperativistas.

O presente trabalho é desenvolvido com material de apoio que aborda os principais pilares da comunidade, pode ser citado como exemplo a dissertação do antropólogo João Frederico Rickli, o qual trabalhou com a temática “A ‘comunidade da benção’: religião, família e trabalho na Colônia Castrolanda”.

A Geografia apresenta em sua base epistemológica semelhanças com a Ciência Histórica. Com isso, obras de historiadores serão abordados, como por exemplo a dissertação da historiadora e museóloga Samara Hevelize de Lima, com a temática “Representações de espaços de Memória: musealização da memória e da identidade e da Colônia Castrolanda”. Além da obra do historiador André Kugler Zan intitulada “A Colônia Castrolanda: narrativas da memória e identidade nas fotografias dos aniversários de formação (1991 e 2001)”.

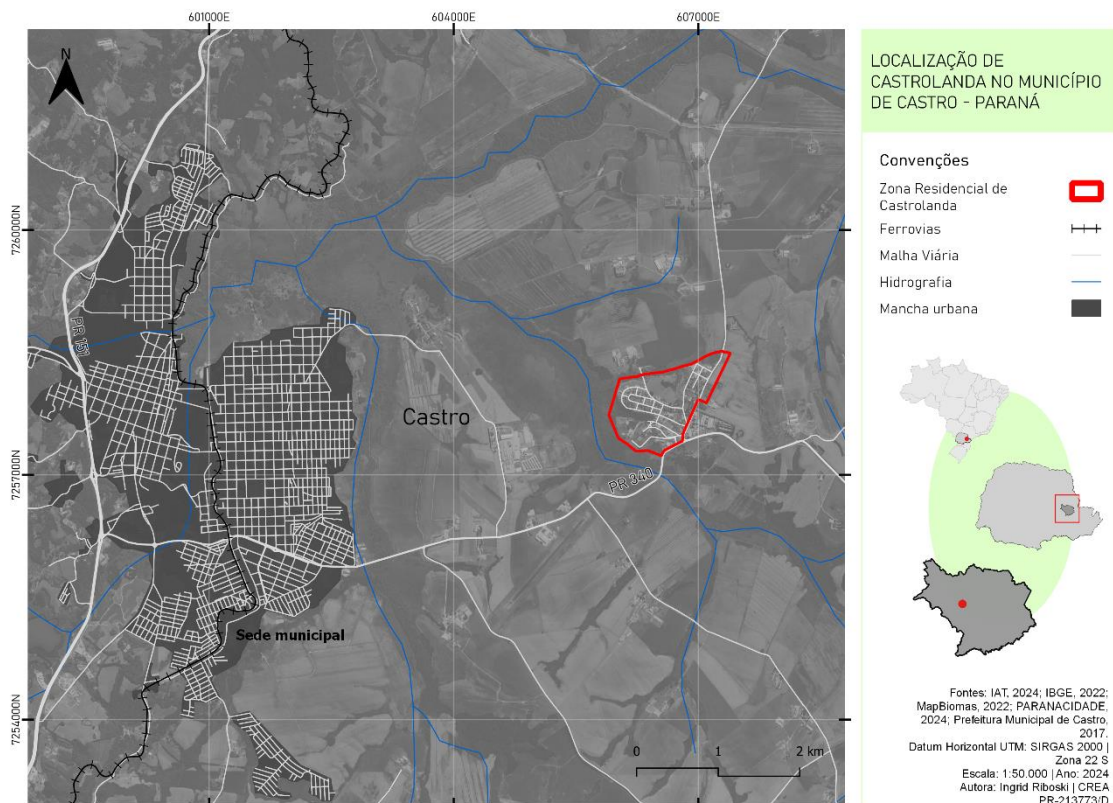
A presente pesquisa está estruturada em três capítulos, onde o primeiro capítulo aborda o processo do surgimento da Cooperativa Castrolanda nos Países Baixos e as questões políticas e diplomáticas envolvendo o processo de emigração para o Brasil. O segundo capítulo apresenta a conceituação de Cooperativismo e o seu desenvolvimento ao longo dos anos, tanto internacionalmente como nacionalmente.

Por fim, o terceiro capítulo traz a análise dos Agentes Produtores do Espaço que influenciam na consolidação da Cooperativa Castrolanda, através da tríade cooperativa, igreja e escola, sendo analisado as entrevistas com imigrantes, descendentes ou pessoas que possuam algum tipo de relação com a Cooperativa ou com a Colônia Castrolanda.

Capítulo 1 – Histórico da Cooperativa e Colônia Castrolanda

Este capítulo se propõe a abordar aspectos históricos e sociais que possibilitaram a consolidação da Colônia Castrolanda e da Cooperativa que leva o mesmo nome, localizada no Município de Castro, Paraná. Conforme mostrado na figura 01, destaca-se a área urbana do município e, a cerca de 8 km, a área denominada Colônia Castrolanda.

Figura 01 – Mapa: Localização da Colônia Castrolanda no Município de Castro, Paraná.



Fonte: Riboski, Ingrid, 2024

Para tanto é necessário retomar as raízes deste processo imigratório, que teve início ainda nos Países Baixos. Impulsionados pelo contexto social dos Países Baixos, o qual não apresentava perspectivas favoráveis para o desenvolvimento de atividades agropecuárias, esses emigrantes buscavam espaços onde pudessem desenvolver suas atividades econômicas (Lima, 2021, p. 65).

É nesse contexto que se insere a atuação e formação da Cooperativa de Emigração em Grupo para o Brasil (C. E. G. B.), inicialmente constituída com o

propósito de promover e organizar a corrente migratória para Castrolanda. Em 1951, forma-se a Cooperativa Castrolanda, desempenhando importantes funções nas áreas social e econômica na colônia. Sua influência se estende por diferentes espaços em Castrolanda, sendo especialmente perceptível nos primeiros anos da colônia.

Por fim, o capítulo busca traçar um panorama da organização social e espacial da Colônia Castrolanda, destacando o papel de instituições importantes na colônia e a organização social baseada no Tríade Social. A organização social baseada na tríade religião, ensino e trabalho tem seus fundamentos no pensamento protestante⁵, influente dentro de Castrolanda, tendo esta divisão representada na colônia pela Igreja Evangélica Reformada, pela escola e pela Cooperativa Castrolanda (Lucena, 2009, p. 62).

1.1 O processo de imigração

O contexto de criação e surgimento da Colônia e Cooperativa Castrolanda está ligado ao período pós-guerra que os Países Baixos enfrentaram no final da década de 1940 e início da década de 1950. Cerca de 50 famílias chegaram ao Município de Castro, e a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) tem relação direta com esse processo imigratório.

Diferente de demais grupos de etnias de imigrantes que chegaram ao Brasil, a imigração neerlandesa para o Município de Castro foi um processo planejado e tardio, intrinsecamente ligado ao contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. O contexto da guerra afetou principalmente os agricultores que residiam no norte e nordeste dos Países Baixos. Embora as famílias de Castrolanda, não estivessem em uma área diretamente bombardeada, foram impactados economicamente e socialmente pela guerra.

A Segunda Guerra Mundial teve início com a invasão de Hitler à Polônia em 1939. Nos anos de 1940 e 1941, Hitler dominou praticamente toda a parte central e ocidental da Europa (Blainey, 2007, p. 308 apud Lima, 2021, p.49). Com isso, após a invasão da Polônia em 1939, França e Inglaterra declararam guerra à Alemanha. Embora os alemães visassem conquistar o território francês, encontraram uma linha de defesa na fronteira, o que conseqüentemente, levou a Alemanha a invadir os Países Baixos e a Bélgica para avançar em direção ao território francês.

⁵ No protestantismo se prega o desenvolvimento pelo viés do trabalho, da fé e da educação, não sendo restrito apenas a Castrolanda, mas apresentando uma ligação com as comunidades de imigrantes protestantes.

Em maio de 1940, sem qualquer declaração de guerra, a Alemanha invadiu a Holanda, através de uma investida aérea. Houve resistência por parte do exército holandês, porém insuficiente, em contrapartida a investida alemã. Em cinco dias o país foi ocupado pelo exército nazista, resultando em diversas cidades destruídas pelos bombardeios. A invasão e rendição da Holanda, facilitou a invasão ao território francês. Em junho de 1940, a Alemanha conquistou a França, derrotando as forças aliadas na Europa (Willmott, H.P, 2008 apud Lima, 2021, p. 49).

Durante a investida alemã, os Países Baixos enfrentaram diversos prejuízos, sejam eles econômicos, sociais, culturais e perdas de vidas. Foi nos Países Baixos que os nazistas promoveram ações violentas e cruéis, como a criação de dois campos de concentração: Westerbork e 'S- Hertogenbosch (Willmott, H.P, 2007, p. 156 apud Lima, 2021, p. 50).

Nesse aspecto, segundo Lima (2021, p. 50), o continente europeu entrou em uma crise econômica, moral e política. Assim, foi surgindo, em diversos grupos o desejo de emigrar para outros países, buscando reconstrução e segurança. Vale ressaltar que muitos emigrantes temiam que a desestruturação política nos países europeus resultasse em governos extremistas.

Este contexto de destruição e crise é apresentado por Ramos, segundo o qual “o ambiente do pós-guerra na Europa foi desalentador, cidades destruídas, campos minados, famílias destroçadas e economia em caos” (Ramos, 2016, p. 223).

Analisando o século XX e os processos emigratórios de europeus, observa-se que os Países Baixos, Noruega e Irlanda não expressam números significativos em processos de emigração. Do ponto de vista geográfico, esses países apresentam baixa população e pequenos territórios, entretanto, os Países Baixos no século XX possuíam colônias na Indonésia e no Suriname. Os principais países escolhidos pelos neerlandeses na emigração eram os Estados Unidos da América, Canadá, África do Sul, Nova Zelândia e Austrália (Fraga, 2008, p. 46).

De acordo com Fraga (2008), agências de navegação e migração na Europa começaram a divulgar oportunidades de emigração para as Américas, com destaque para os Estados Unidos, Argentina e Brasil. Entretanto, no caso do Brasil, o país recebeu pequena porcentagem de imigrantes neerlandeses. Além disso, o Brasil nunca se apresentou como a primeira opção para estes imigrantes.

O que despertou o interesse dos emigrantes pelo Brasil foram as condições que o Governo Brasileiro oferecia, no qual apresentava permissão de se radicarem em grupo, com organização social própria e principalmente liberdade de culto religioso em seu idioma materno. Para Abreu (1971, p. 11):

O Brasil está em plano nitidamente secundário no conjunto da emigração neerlandesa, contudo ele representa um papel extremamente importante em alguns aspectos desse movimento. Nesse conjunto, há uma corrente de emigração organizada, estabelecendo-se as pessoas em grupos eficientemente estruturados, que se destacam no quadro geral da emigração holandesa; esta corrente tem um destino certo: o Brasil que surge praticamente como o único país a receber, no pós-guerra, imigrantes para serem localizados em núcleos agrícolas. (Abreu, 1971. p. 11).

Segundo Zan (2021, p. 16), o Brasil se destaca por receber grandes contingentes de imigrantes, especificamente, italianos e alemães, que são grupos de imigrantes que vieram em números expressivos para o Brasil. Além dos italianos e alemães, diferentes grupos de imigrantes buscaram se instalar em território nacional, com o objetivo de alcançarem condições de expansão econômica e social. Os imigrantes de origem neerlandesa buscaram na emigração esses mesmos objetivos, entretanto, eles não se destacam como grupos numerosos, mas que consolidaram colônias nos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Para Luyten (1981):

Os holandeses estão longe de constituírem o maior contingente de imigrantes que vieram para o Brasil. Por outro lado, o Brasil nunca esteve em primeiro lugar na opção dos emigrantes neerlandeses, que sempre preferiram países com clima temperado. O que vai caracterizar o Brasil para os holandeses desejosos de emigrar é a possibilidade garantida de poderem se radicar aqui colonos, em estabelecimentos grupais que lhes permitam uma boa margem de organização social própria e liberdade de culto religioso em língua holandês (Luyten, 1981, p.18).

Nesse contexto, é importante destacar que algumas famílias de imigrantes neerlandeses de Castrolanda tinham um estilo de vida com considerável poder aquisitivo. O que buscavam na emigração eram melhores condições para desenvolver suas produções, ou seja, mais terras. Nos Países Baixos, a expansão agrícola era inviável, e emigrar significava mais espaço, mais produção e, conseqüentemente, maior subsistência para a família.

Como mencionado anteriormente, a emigração da população dos Países Baixos não apresentava números significativos no século XX. Conforme destaca Fraga (2008, p. 51), antes da década de 1940, foram formadas duas entidades que apoiavam a emigração, fundadas entre os anos de 1913 a 1923, sendo a “*Nederlandsche Vereniging Landverhuizing*” (Associação Holandesa para a Emigração) e a “*Emigratie Centrale Holland*” (Centro de Emigração Holanda). Essas duas entidades anos mais tarde, se unem sob o nome de *Stichting Landverhuizing Nederland* (Fundação Holandesa para Emigração), com objetivo de selecionar grupos de imigrantes e auxiliar em questões financeiras e espirituais, promovendo a emigração tanto dentro quanto fora dos Países Baixos.

Na década de 1930 o Brasil, no contexto político, estava sob o Estado Novo (1937 – 1945) chefiada por Getúlio Vargas, e apresentava uma política fechada em relação ao recebimento de imigrantes. Diferentemente, durante a década de 1940, o país adotou uma postura mais aberta à imigração, com o objetivo de impulsionar o processo de industrialização e colonização agrícola. Contudo, antes desse período de abertura, o governo Vargas priorizava uma política nacionalista voltada para o desenvolvimento interno do país. A Constituição de 1934, no artigo 121, parágrafos 6º e 7º, são expressas as seguintes regras que regulamentam o processo de imigração para o Brasil:

§ 6º - A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos.

§ 7º - É vedada a concentração de imigrantes em qualquer ponto do território da União, devendo a lei regular a seleção, localização e assimilação do alienígena. (BRASIL, 1934).

A Constituição Federal de 1934 favorecia uma base étnica predominantemente europeia, com preferência para imigrantes brancos, em sua maioria oriundos da Europa. Isso resultou em uma política de imigração restrita e majoritariamente branca, que excluía grupos asiáticos e africanos. Durante o regime do Estado Novo (1937 – 1945), chefiado por Getúlio Vargas, foi aprovada uma nova Constituição Federal em 1937.

No ano seguinte, o Decreto-Lei n.º 406, de 4 de maio de 1938, regulamentou o processo de entrada de estrangeiros no Brasil, definindo o que era permitido e desejado. Neste decreto, imigrantes que possuíam deficiência física ou mental não poderiam adentrar ao país, pessoas que apresentavam perigos à ordem pública não eram permitidas, ciganos, indigentes, ou pessoas que não possuíam renda ou sustento para se fixar no país (BRASIL, 1938).

O Decreto não apresentava explicitamente o impedimento da entrada de grupos negros no Brasil, segundo a autora Debastiani (2018, p. 14), argumenta que tais grupos eram vistos como indesejáveis pelo Governo Vargas.

Estrangeiros negros não eram bem-vindos ao país, porque interfeririam no processo de branqueamento da população brasileira, no Brasil naquele período já existiam um grande número de negros, mulatos. Uma das ideias presentes na época era a de que os negros eram os responsáveis pelo atraso do país, desta forma, trazendo imigrantes europeus brancos ocorreria um branqueamento da população e posteriormente, o Brasil sairia do atraso em que se encontrava (Debastiani, 2018, p. 14).

Ainda tendo como base a análise do Decreto-Lei nº 406, de 4 de maio de maio de 1938, o documento cria padrões e algumas normas para instalações de colônias em território brasileiro. No Capítulo VIII, artigo 39, é destacado que “nenhum núcleo colonial, centro ou colônia, será constituído por estrangeiros de uma só nacionalidade” (BRASIL, 1938).

Segundo destaca a autora Lima (2021, p. 55), é enfatizado como o governo brasileiro indicava a necessidade de presença de brasileiros na constituição de núcleos coloniais, ou seja, os imigrantes teriam que ser inseridos nos aspectos que envolvem o convívio social, econômico e não se constituindo como “neutros” em território nacional, além disso, era obrigatório que estes núcleos fossem nomeados em português, sendo proibido nomeações em outros idiomas.

Com boa parte dos países europeus devastados com o fim da Segunda Guerra Mundial, a emigração para outros países se tornou necessidade para os governos europeus. Nesse aspecto, grandes potências do grupo dos Aliados representado pelos Estados Unidos da América, França, Inglaterra e União Soviética promoveram um reajuste, que intercalou incentivos na redemocratização desses países afetados pela guerra. Promovendo reajuste e ampliando os incentivos aos processos migratórios para países que fornecessem melhores estruturas e condições.

Com a influência dos Estados Unidos sob o Brasil ainda durante o Governo Vargas foi promulgado novo decreto referente às políticas migratórias no país, o Decreto-Lei n.º 7.967 de 18 de setembro de 1945, o qual “Dispõem sobre a Imigração e Colonização, e dá outras providências”, o decreto explana.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e considerando que se faz necessário, cessada a guerra mundial, imprimir a política migratória do Brasil uma orientação racional e definitiva, que atenda à dupla finalidade de proteger os interesses do trabalhador nacional e de desenvolver a imigração que for fator de progresso para o país (BRASIL, 1945).

O Decreto-Lei de 1945, conforme aponta Salles (2002, p. 108-109), apresenta em seus artigos pressupostos da Constituição de 1937, entretanto, é inegável que este decreto apresentou abertura política para o recebimento dos “deslocados da guerra”. O Decreto-Lei de 1945 aponta um termo denominado de “imigrações dirigidas”, segundo Ladeira (1976) as imigrações pós-Segunda Guerra Mundial se caracterizaram em duas vertentes: imigração “espontânea” e “dirigida”, no qual ambas se caracterizam por:

Imigração espontânea, isto é, de pessoas que viajam por conta e responsabilidades ou que vêm contratadas por determinada firma e que receberão assistência dos oficiais de imigração holandeses, se o desejarem; e imigração dirigida, composta por pessoas que se enquadram nos termos do acordo de imigração e colonização e emigram com subsídio governamental. Esta categoria abrange técnicos urbanos e agricultores. Os agricultores são geralmente pequenos proprietários, que participam de movimentos cooperativos (Ladeira, 1976, p. 10).

A Castrolanda se insere nesse contexto de “imigração dirigida”, as características da sua formação envolvem as relações comerciais entre o Brasil e os Países Baixos, inter-relacionando-se nos aspectos político-econômico, juntamente com mão de obra especializada que pudesse contribuir social e economicamente. A Castrolanda como Cooperativa e Colônia se caracterizou com atividades agropastoril industrial, teve seus objetivos planejados, financiados e dirigidos por entidades internacionais e nacionais o que torna uma imigração no território paranaense diferente da imigração que o território observou no século anterior.

Com o fim do Estado Novo do Presidente Getúlio Vargas (1937-1945), as políticas imigratórias ganham força durante a gestão do governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1951). Mas, em 1951 Getúlio Vargas ganha as eleições diretas para a Presidência e retoma ao poder, enfatizando discurso apoiado nas políticas de imigração e o papel e importância que o imigrante teve para o desenvolvimento do Brasil.

Na abertura da sessão legislativa do Congresso Nacional em 1951, Vargas enfatiza que as políticas restritivas a imigração da década de 1930 eram obsoletas, no que se refere ao papel dos imigrantes Vargas abordou as “contribuições valiosas” principalmente no que se refere aos trabalhos desenvolvidos na Agricultura e Indústria (Vargas, 1951, p. 57 apud Lima, 2021, p. 58).

1.1.1 Colônia de Carambeí: formação e consolidação

Anteriormente à política nacionalista e a política de imigração observada durante os diferentes períodos do Governo Vargas e Governo Dutra, o estado do Paraná, tinha como um dos seus principais pontos de imigração neerlandesa a Colônia de Carambeí, fundada em 1911 e que pertencia ao Município de Castro⁶. Esses imigrantes vieram de outras localidades no Paraná, em sua grande maioria da

⁶ Carambeí se emancipou do Município de Castro em 13 de janeiro de 1995.

Colônia Gonçalves Júnior, em Irati-PR. Esta colônia em Irati foi formada em 1909 e era composta por imigrantes alemães, poloneses, italianos, além dos imigrantes neerlandeses.

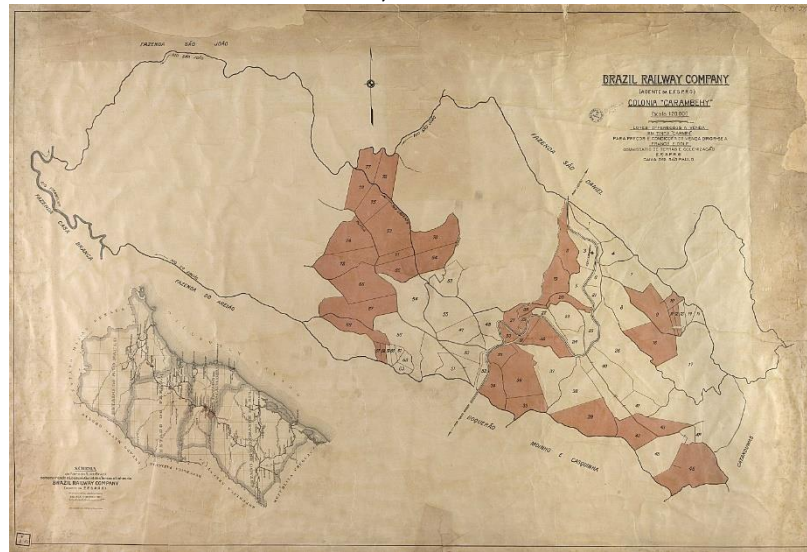
No que se refere aos imigrantes neerlandeses, a experiência na colônia em Irati foi traumática para boa parte dos imigrantes. Segundo Luyten (1981, p. 29), diversos fatores contribuíram para a curta permanência dos imigrantes nesta colônia como: 1º a maioria dos camponeses não compreendia as técnicas de agricultura, pois desenvolviam outros tipos de atividades; 2º os produtos produzidos na Colônia não proporcionavam retorno financeiro esperado, devido à distância de centro urbano o que acarretava falta de consumidores; 3º doenças como a malária, pobreza, miséria, falta de água potável e de assistência médica resultaram em muitas mortes em Irati.

Conforme aponta Gabriel (2011, p. 81), esses fatores fizeram com que boa parte dos colonos retornassem para os Países Baixos, os que ficaram souberam da notícia que a *Brazil Railway Company*⁷, estava realizando loteamento de terrenos para venda (figura 02). Esse pequeno grupo composto por três famílias neerlandesas⁸ reemigraram para Carambeí, então Município de Castro, onde chegaram em 1911, e se instalaram na Fazenda Carambeí, que era propriedade da empresa *Brazil Railway Company*, “que a colonizou com os imigrantes, o que correspondeu ao acesso às terras planas dos campos dominados pelas grandes propriedades campeiras” (Cunha, 2011, p. 134).

⁷ *Brazil Railway Company* foi uma empresa ferroviária brasileira criada no ano de 1906, responsável pela maior parte de detenção de linhas férreas no Brasil, dentre os principais ramais de detenção se destacavam a Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, Estrada de Ferro Paraná, Estrada de Ferro Norte do Paraná, Estrada de Ferro Sorocabana, dentre outras.

⁸ Os primeiros imigrantes que chegaram em Carambeí eram das famílias Verschoor, Vriesman e Geus.

Figura 02 - Mapa: Loteamento de terras Brazil Railway Company em Carambeí, Castro, 1910.



Fonte: Brazil Railway Company, 1910.

Essas primeiras famílias que chegaram em Carambeí, estabeleceram um acordo comercial por dois motivos principais: a primeira era a localização geográfica favorável de Carambeí, pois em seu entorno a Colônia estava próxima de dois centros urbanos como Castro e Ponta Grossa, além da capital paranaense Curitiba, o segundo motivo está ligado a linha férrea que poderia escoar parte da produção se fosse necessário, além da companhia ferroviária oferecer aos colonos lotes com condições favoráveis (Fraga, 2008, p. 62).

Conforme aponta Kooy (1978, p. 6, apud, Fraga, 2008, p. 62), foi elaborado contrato que fixava os direitos e deveres dos colonos em relação a *Brazil Railway Company*:

Um lote de terras, uma casa, uma canga de bois e também três vacas leiteiras. No momento em que a Direção da Colônia de Carambeí definir a capacidade do colono na sustentação do gado, a Companhia aumentará o total das vacas leiteiras até 9. A Companhia também fornecerá sementes e adubos para a primeira sementeação nessa parte do terreno, satisfatoriamente preparado pelo colono na opinião da Direção (Kooy, 1978, p. 8, apud, Fraga, 2008, p. 62).

Com o contrato realizado com a companhia ferroviária no início da Colônia Carambeí, os primeiros colonos constataram de que, “os solos dos Campos Gerais no Estado do Paraná são lixiviados, arenosos e ácidos, pobres em elementos nutritivos e matéria orgânica” (Waibel, 1979). Conforme aponta Dias & Fajardo (2018, p. 219), essas condições do solo foram fatores determinantes para que os colonos

concentrassem as suas atividades na pecuária, com isso, em 1912 chegaram os primeiros gados da raça holandesa, vindo diretamente dos Países Baixos. Com o estabelecimento da pecuária, esse setor tornou-se o principal pilar do desenvolvimento econômico da Colônia Carambeí.

No ano de 1925 ocorre a organização em torno do sistema cooperativista, resultando na criação da Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios (figura 03), que era composta inicialmente por 07 associados, a partir desta cooperativa originou a marca Batavo (figura 04) em 1928 (Dias & Fajardo, 2018, p. 219).

Figura 03 - Primeira fábrica de queijos da Sociedade Cooperativa Holandesa de Laticínios, Colônia Carambeí, Castro Paraná.



Fonte: Acervo Museu Parque Histórico de Carambeí.

Figura 04 - Estampa da marca Batavo em produtos de queijo, 1928.



Fonte: Cooperativa Agroindustrial Frísia.

Segundo Cunha (2011, p. 134), esta Sociedade Cooperativa resistiu às duas grandes Guerras Mundiais, e, especialmente, à grande crise econômica de 1929, um marco histórico e divisório para o capitalismo mundial, trazendo diversos impactos à economia brasileira. Ao se analisar as diversas colônias que surgiram no Brasil entre os anos de 1889 e 1940, Carambeí é a única que ainda existe, no qual, o início para os imigrantes foi marcado por instabilidades, mas a situação se estabilizou a partir de 1925, devido à consolidação da Cooperativa de Laticínios (Fraga, 2008, p. 60-63).

1.2 A Colônia Castrolanda

Com a consolidação e desenvolvimento da Colônia Carambeí, resultou que futuros projetos de criação de colônias neerlandesas no Paraná fossem planejados e estruturados. Dentre essas colônias estava Castrolanda, constituída em 1951. A importância da Colônia Carambeí se dá por incentivos e comunicações que os imigrantes que residiam em Carambeí tinham com instituições e conhecidos nos Países Baixos, esse contato resultou na divulgação e na formação de grupos familiares que tinham interesse em emigrar para o Brasil (Zan, 2021, p. 19).

Em 1949, o Governo Brasileiro e a Colônia de Carambeí realizaram convite para a “*Christelijke Emigratie Centrale*” (Central Cristão de Emigração - CCE), no qual, fosse enviado um representante para que analisasse uma política de emigração para o Brasil. O representante, Sr. J.S. Biesheuvel, viajou por diferentes localidades do Sul do Brasil, visitando projetos apropriados para emigração (Verburg, 1980, p.15).

Após sua volta para a Holanda, o Sr. Biesheuvel fez um relato da sua viagem e deu sua opinião sobre a emigração para o Brasil, em janeiro de 1950, num programa nacional da rádio NCRV (Nederlandse Christelijke Radio Vereniging = Associação Cristã Holandesa de Rádio). Esta divulgação pela rádio motivou o vice-presidente da C.C.E., o Sr. Kaemingk, diretor da Escola Cristã de Agricultura em Hoogeveen, a procurar interessados (Kiers-Pot, 2001, p. 252-3).

Em meados de março de 1950, foram realizadas algumas reuniões, o secretariado da C.C.E. encaminhou convite para aproximadamente 52 pessoas que residiam em diferentes localidades dos Países Baixos, principalmente na Região Nordeste, nas províncias de Drente e Overijssel, após reunião no hotel Geitenbeek, em Zwolle, o Sr. Biesheuvel, detalhou a sua viagem de estudo ao sul do Brasil. Durante essa reunião, cerca de 17 pessoas demonstraram interesse em emigrar para o Brasil (Kiers-Pot, 2001, p. 252-3).

O Governo dos Países Baixos, demonstrou interesse no projeto de emigração para o Brasil, com isso enviou uma comissão composta por profissionais de diferentes áreas sendo eles: Dr. Ijsvogel, professor de Hidrografia da Universidade de Agricultura em Wageningen e os Srs. Verhoog e van Galen, ambos engenheiros agrônomos, o grupo de 17 pessoas interessados em emigrar para o Brasil, indicou o Sr. Leffers para que participasse da comissão. Nesta comissão foram apresentados três projetos para serem visitados e analisados, sendo Bagé, no Rio Grande do Sul, Taím, ao sul de Pelotas, também no Rio Grande do Sul, e Castro, no estado do Paraná.

Após a visita da comissão ao Brasil, no dia 13 de novembro de 1950, em Zwolle, o Sr. Leffers apresentou o trabalho e a opinião da comissão em território brasileiro. Neste relato foi constatado que Bagé foi o primeiro projeto visitado, no qual, as terras analisadas pertenciam ao Governo do Rio Grande do Sul, e estavam à venda para destiná-las a emigrantes, a respeito desse projeto foi realizado as seguintes observações:

1. Trata-se de uma região longe de centros habitacionais;
2. Acesso existe somente via estradas quase intransitáveis;
3. Grande parte destas terras possuem uma camada de argila de pouca permeabilidade a uma profundidade de 30 a 50 centímetros. Conclusão da comissão: terras impróprias para agricultores holandeses (Kiers-Pot, 2001, p. 253).

No projeto Taím, ao sul de Pelotas, conforme relato da comissão foi observado que ainda existia um metro de água a ser drenada sobre a terra, o que resultava em tempo considerável para que as terras ficassem em condições para desenvolvimento da agricultura, além disso, ocorria o processo de dessalinização, esses fatores fizeram que este projeto fosse desaprovado (Kiers-Pot, 2001, p. 253).

O último projeto visitado foi o Município de Castro, no Paraná, a comissão contou com apoio de diversas pessoas da Colônia Carambeí, além de representantes do Governo paranaense (figura 05), estes por último concordaram em comprar as terras para fins de emigração, além de realizar financiamento mediante empréstimo a longo prazo. O Município de Castro foi escolhido por conter no seu território a Colônia de Carambeí, que ficaria distante 30 quilômetros da futura Colônia Castrolanda. Além disso, o Governo do Paraná ofertava subsídios e condições favoráveis que atendiam a maioria dos interesses dos imigrantes.

Figura 05: Comissão técnica para avaliação de terras, Castro Pr, 1950.



Fonte: Acervo Centro Cultural Castrolanda. Autor desconhecido, 1950.

1.2.1 Cooperativa de emigração

Para realizar o processo de emigração dos grupos de neerlandeses para o Brasil, foi constituída a Cooperativa de Emigração em Grupo para o Brasil (C. E. G. B.). Fundada no Município de Hoogeveen, nos Países Baixos, a Cooperativa tinha como objetivos não apenas auxiliar no processo emigratório, mas também lidar com questões burocráticas, financeiras, sociais e religiosas. Esta imigração se diferenciava das demais imigrações observadas no Brasil no século XIX, pois, apresentava um caráter de ser dirigida e planejada, com o apoio de instituições religiosas dos Países Baixos, e o interesse e apoio do Governo do Paraná (Lima, 2021, p. 19).

Esta Cooperativa de Emigração organizou em seus estatutos a viabilidade de emigração de neerlandeses para o Brasil, com a defesa no que se referia aos interesses dos emigrantes. Conforme, os estatutos da Cooperativa de Emigração⁹, são atribuições da Cooperativa:

- a. Organizar a exportação dos ativos dos membros na forma de bens de capital para o Brasil até o máximo permitido pelo Governo Holandês;
- b. Comprar ou adquirir, direta ou indiretamente, terrenos no Brasil;
- c. Preparar planos de colonização;
- d. Providenciar facilidades de viagem para os membros e seus familiares e tudo o que estiver relacionado com a migração em grupo para o Brasil;

⁹ Em anexo desta presente pesquisa consta o documento original com os estatutos em neerlandês.

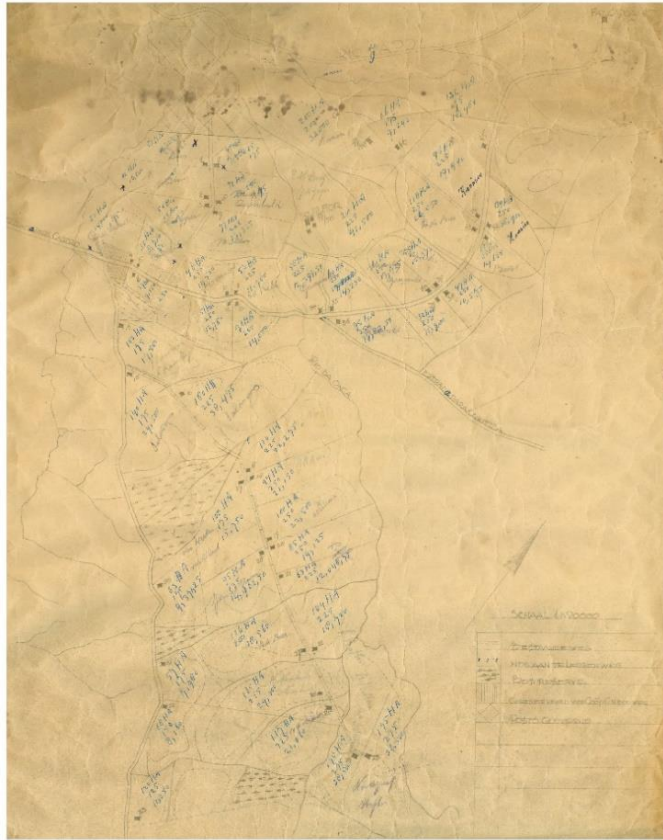
- e. A promoção dos interesses dos membros da associação;
- f. Todos os outros meios legais, que podem promover o objetivo da associação (Zan, 2021, p.17)

Como observado em seus estatutos a C.E.G.B organizou todos os processos burocráticos no que se referia a compra de terras em território brasileiro. Os trâmites envolvendo esse processo eram todos analisados e discutidos em reuniões, realizadas quinzenalmente pelos grupos de emigrantes no Hotel Homan. Esses lotes de terras foram pagos pelo Banco Nacional de Créditos para Cooperativas do Brasil, estabelecendo a Cooperativa Castrolanda (Gabriel, 2011, p. 69).

Os lotes de terras adquiridos para instalação da Castrolanda, pertenciam a Fazenda Histórica Capão Alto, tendo originalmente 70 mil hectares. Esta fazenda, no final do século XIX, observou a queda do ciclo do tropeirismo na Região dos Campos Gerais, conseqüentemente foram vendidas glebas de terras para famílias de elite castrense. Posteriormente, na década de 1950 (figura 06)¹⁰, foram oferecidas a venda novamente para a instalação da Colônia Castrolanda (Gabriel, 2011, p. 70).

¹⁰ Este é o primeiro mapa que ilustra a distribuição do loteamento de terras, com as áreas separadas por famílias e a definição de um pequeno trecho onde ficaria a sede da Cooperativa, a Igreja e a Escola. No entanto, este não é o mapa oficial. Este mapa foi alterado com a anexação de mais um trecho comprado pela Cooperativa, e os lotes das famílias foram redistribuídos.

Figura 06: Mapa: Loteamento de terras Colônia Castrolanda, Castro Pr, 1951



Fonte: Acervo Centro Cultural Castrolanda. Autor desconhecido, 1951.

1.2.2 O Estado do Paraná

Na década de 1950, inicia-se no estado do Paraná, uma modernização agrária, sob o Governo de Bento Munhoz da Rocha Netto que esteve à frente do poder entre os anos de 1951-55. Este governo foi marcado pelo incentivo de instalação de colônias de imigrantes nos municípios de Castro, Palmeira e Guarapuava. Os anos de 1950, são marcados por características de modernização no setor agrário brasileiro, iniciando-se relação entre a Agricultura e a Indústria, este período é intitulado como moderno, tendo características da perda gradativa da autonomia do agricultor em relação aos interesses industriais (Ramos, 2017, p. 13).

O Governo Munhoz Rocha Netto estabeleceu relações capitalistas de produção, por experiências observadas em outras regiões do país, no caso paranaense o estabelecimento do capitalismo no campo foi demonstrado com a criação de cooperativas agrícolas nas colônias de imigrantes, “[...] que garantiam a compra da

produção dos colonos, o beneficiamento industrial (agregando valor) e a comercialização voltada ao mercado (Ramos, 2017, p. 14).

Este sistema possibilitou o modelo de produção de uma Agricultura Capitalista, agricultura com características diferentes das observadas anteriormente, onde o espaço rural paranaense, era marcado por baixa produtividade, latifúndio e população rural sem acesso à educação formal com baixa qualificação. Isto resultou prejuízos ao sistema agrário paranaense onde “no correr das primeiras décadas do século XX, a produção das fazendas diminuía constantemente, empobrecendo os fazendeiros. O Governo do Estado procurava deter essa decadência. As fazendas se despovoavam” (Machado, 1968, p. 47 apud Ramos, 2017, p. 17).

Com isso o Governo Munhoz da Rocha Netto implantou um projeto de modernização, no qual as colônias se tornariam áreas de experimentação - espécie de laboratório para o desenvolvimento de novas técnicas agropecuárias. Esse processo de modernização estaria vinculado ao cooperativismo, com o objetivo de envolver imigrantes acostumados a esse modelo.

Em 1950 a produção agropecuária paranaense representava 7,1 da produção nacional, que passaria a aumentar essa participação a partir de 1951 e nas décadas seguintes pela ação do governo estadual ampliando para 12% nos anos 60 e 13% na década de 1970. Esse aumento sugere que planejamento executado no governo Bento Munhoz da Rocha de expansão da infraestrutura com a construção de rodovias, ampliação da frota de veículos, tratores, caminhões, aumento do Porto de Paranaguá, acabou trazendo êxito para o campo (Ramos, 2017, p. 16).

A consolidação e a prosperidade deste projeto só se realizariam na visão do próprio ex-governador Munhoz da Rocha Netto, se fosse executado por mão de obra de imigrantes europeus, preferencialmente agricultores e pecuaristas que tinham experiência neste modelo de produção, para que se desenvolvesse o sistema agroexportador.

A preferência por imigrantes europeus está ligada ao processo de política de branqueamento da população na época. As colônias constituídas em 1951, estavam majoritariamente com uma população branca, como os suábios (Entre Rios – Guarapuava), neerlandeses (Castrolanda – Castro) e Russos-Alemães Menonitas (Witmarsum – Palmeira).

Essa política estadual modificou a paisagem geográfica e modernizou a agricultura no estado, com sistema de alta mecanização agrícola voltada para o mercado externo. Além disso, através do financiamento para os cooperados e compras de maquinários, isto resultou a possibilidade de consolidação destas

colônias, entretanto, os pequenos agricultores locais ficaram à mercê sem apoio estadual.

Dentro da perspectiva da modernização do campo no Paraná, a Castrolanda para o Governo Munhoz da Rocha serviria como principal plano para o desenvolvimento da agropecuária industrial, tornando Castro uma bacia leiteira, com alta produtividade animal de raças bovinas holandesas, atrelado a uma industrialização de laticínios, sendo desenvolvida pela Cooperativa Castrolanda, administrada por imigrantes neerlandeses no município de Castro (Ramos, 2016, p. 212).

Com isso, o processo de consolidação de Castrolanda e das demais colônias mencionadas representa um projeto planejado e organização para a consolidação desses imigrantes.

Capítulo 2 - O Cooperativismo sob o ponto de vista teórico e histórico

A proposta deste capítulo é a construção teórica sobre o conceito e a origem do cooperativismo, promovendo um debate com análises sobre o surgimento desse movimento, seus principais influentes e os resultados que surgiram ao longo de sua evolução. O capítulo também busca explorar como o cooperativismo se relaciona com um modelo socioeconômico fundamentado em princípios cooperativistas, que unem um grupo de pessoas com interesses semelhantes. Embora o cooperativismo, atualmente, apresente características do modelo capitalista, seus princípios originaram-se em valores sociais pautados na igualdade, frutos dos movimentos operários em países como Inglaterra, França, Itália e Bélgica – com grande destaque para os dois primeiros.

O termo Cooperativismo possui ampla abordagem e existem discussões de diversos autores sobre o seu conceito, mas é inegável que é um termo que provém da palavra “cooperação” que derivou posteriormente à concepção de Cooperativismo. Embora esse termo tenha ganhado força durante a Revolução Industrial, civilizações antigas já praticavam ações que envolviam esta característica associativa.

Desde o período do Nomadismo até a Revolução Agrícola, cerca de 10.000 anos atrás, quando os seres humanos passam a viver em sociedade e dominam a prática de domesticar plantas (agricultura) e animais (pecuária), surge a necessidade de solidariedade entre as pessoas. Conforme Namorado (2007, p. 244), temos exemplos de civilizações antigas que possuíam entidades com caráter associativo entre os seus membros. São exemplos: associações artesanais do antigo Egito, da Grécia Antiga e de Roma, os celeiros coletivos japoneses, os “*ejidos*” mexicanos, unidades coletivas agrícolas da Babilônia e sociedades de crédito na China, dentre outras.

Esses exemplos citados dariam origem a elementos e características do que viria a se tornar cooperativismo. Diferentes exemplos de civilizações antigas possuíam o envolvimento de atividades agrícolas em que apresentavam um “caráter cooperativo”.

No domínio da vida agrícola, a cooperação é uma forma econômica que existiu e dominou mesmo desde tempos primitivos. [...] Entre os povos germânicos a vida agrária desenvolveu-se, desde o começo, sobre bases cooperativas. Até os tempos modernos, mantiveram-se associações que datam da antiguidade e cujo fim era a realização de certos objetivos, como, por exemplo, as associações de drenagem, de irrigação, de barragens, para a exploração de florestas, como serrarias, etc. [...] A criação de carneiros deu

lugar a associações de caráter econômico, nas quais muitos trabalhos se faziam em comum. Tinham pessoal contratado por conta dessa coletividade econômica livremente constituída. [...] Nos povos eslavos, encontram-se formas de comunidades agrícolas coletivas: a zadruga dos Sérvios e o mir russo (Luiz Filho, 1946, p. 19).

Pinho (1965) define cooperativismo juntamente com o termo cooperação:

Etimologicamente cooperação (do verbo latino *cooperari*, de *cum* e *operari* = operar juntamente com alguém) significa a prestação de auxílio para um fim comum. E cooperativismo é a doutrina que visa a renovação social através da cooperação (Pinho, 1965, p.7).

Globalmente, o termo cooperativismo, seus conceitos e significados estão amplamente disseminados, mas não apresentam uma definição precisa. No entanto, conforme aponta Reisdorfer (2014, p. 16), o cooperativismo pode ser compreendido como um modelo socioeconômico, vinculado a uma filosofia de vida, que busca o desenvolvimento atrelado ao bem-estar social. Esse modelo tem como pilares fundamentais a participação democrática, autonomia, independência e solidariedade, nos quais um grupo diverso de pessoas, por meio das cooperativas, busca a melhor forma de organização socioeconômica.

Ou seja, Cooperativismo está ligado a ajuda mútua entre as pessoas que compõem a sociedade, Namorado (2007) apresenta as características que definiriam uma Cooperativa:

1) É uma síntese de associação e de empresa; 2) Baseia-se na cooperação e na entreatajuda dos seus membros; 3) Assume como determinantes a democracia interna e a participação; 4) Não tem fins lucrativos; 5) Procura responder a necessidades e aspirações, quer econômicas, quer sociais, quer culturais; 6) É autônoma e independente, em face de quaisquer focos de poder que se lhe queiram impor de fora; 7) Tem capital e composições variáveis; 8) É dotada de personalidade jurídica (Namorado, 2007, p. 3-4).

Luiz Filho (1946) traz exemplos de precursores do movimento cooperativo, dentre eles se destacam Plockboy, Bellers, Robert Owen, William King, Charles Fourier, Philippe Buchez, e Louis Blanc. Esses precursores estão ligados ao Cooperativismo, especificamente ao Cooperativismo de Produção e defendiam uma sociedade que através do Cooperativismo poderia melhorar as condições de trabalho dos trabalhadores, além de questões sociais e políticas e promoção da diminuição das desigualdades sociais.

Nesse sentido, sobre Cooperativismo, alguns desses precursores foram considerados socialistas utópicos, como Robert Owen, Charles Fourier e Louis Blanc (Fajardo & Rocha, 2018, p. 21). Ainda de acordo com estes autores, os socialistas utópicos eram pensadores que defendiam a construção de uma sociedade mais justa

e equilibrada. Se a sociedade assumisse uma posição coletivista que fosse voltada ao aspecto social, poderiam combater os problemas e as desigualdades sociais.

Os princípios do Socialismo Utópico aparecem com as grandes transformações econômicas que estavam acontecendo na Europa, principalmente na Inglaterra e França. Esse período coincide com as mudanças ocorridas nos processos de produção industrial e comercialização que afetaram diretamente as relações de trabalho entre patrão e empregado (Pinto, et al., 2009, p. 64).

Muitos desses que eram considerados socialistas utópicos e seus discípulos, de acordo com Fajardo e Rocha (2018), imaginaram e tentaram criar uma sociedade que fosse pautada na justiça e igualdade. Que promovessem espírito comunitário e alcançassem a igualdade e o bem comum.

A construção do modelo cooperativista e das cooperativas está intrinsicamente ligada a contextos sociais e trabalhistas marcadas por profundas injustiças e desigualdades. Ou seja, ao analisarmos a evolução do cooperativismo, é notável a sua relação com o movimento operário de resistência. No entanto, embora o cooperativismo tenha surgido como uma forma de resistência ao capitalismo, ao longo dos anos ele se adequou à moral e ao mercado capitalista.

O cooperativismo nos seus primórdios está ligado a movimentos coletivistas, que estavam inseridos em contexto de exploração capitalista sobre os trabalhadores. Conforme aponta Miranda (apud Fajardo, Rocha, 2018, p. 27), as cooperativas através da mobilização operária representam uma reforma social que tinha como objetivos promover mudanças no sistema social vigente, ou seja, o cooperativismo estava inicialmente sustentado na base do proletariado e na organização sindical.

[...] o movimento trabalhista desordenado no final do século XIX luta por uma organização de autodefesa, de protesto e de revolução. Mas, para os trabalhadores pobres, era mais do que um instrumento de luta: era também um modo de vida. O mito liberal suponha que os sindicatos eram compostos de trabalhadores imprestáveis, instigados por agitadores sem consciência, mas, na realidade, imprestáveis eram os menos sindicalizados, enquanto os mais inteligentes e competentes eram os mais firmes em seu apoio ao sindicalismo (Pinto et al., 2009, p. 63-64).

No século XVIII é possível verificar mudanças significativas nos modos de produção e nas técnicas utilizadas. Ocorre progressiva substituição das máquinas movidas pela força d'água, sendo substituídas pelas máquinas a vapor, surge então um novo modo de produção sendo realizada sob o mesmo teto com diversos operários (Lima, Silva & Bavaresco, 2014, p. 82).

Esses avanços através da substituição da energia orgânica pela anorgânica representada pelas máquinas a vapor, acarretou certas consequências, como o aumento das fábricas em centros urbanos, além dos aumentos das desigualdades sociais e econômicas e concentração populacional em zonas periféricas. Esse aumento também é característico do Êxodo Rural, em que ocorreu a migração dos trabalhadores do campo, totalmente despreparados para enfrentar e exercer atividades na indústria (Lima, Silva & Bavaresco, 2014, p. 82). Ainda de acordo com os autores esse período é caracterizado por duas classes sociais distintas: a dos proprietários das fábricas, que concentrava toda a riqueza e os fatores de produção, que eram provenientes da mão de obra das fábricas.

Essas disparidades entre patrão e empregado, gerou descontentamento da maioria dos trabalhadores, sentimento que atingia a classe de proletários que era totalmente explorada acarretando em reações, “[...] por meio de movimentos socialistas, os quais tinham como base o cooperativismo” (Lima, Silva & Bavaresco, 2014, p. 82). No cooperativismo o que prevalece é uma proposta de autogestão, o que leva ao questionamento se as cooperativas sobreviveriam ao sistema capitalista.

O cooperativismo, portanto, nasce enquanto espaço de resistência ao capitalismo ao mesmo tempo em que está umbilicalmente ligado ao mercado, ou seja, o espaço clássico de trocas, onde a lei não é reprodução da vida de todos, mas, que sobrevivem na competitividade (Opuszka, 2007, p. 409 apud Fajardo; Rocha, 2018, p. 33).

No século XIX, no auge da Revolução Industrial, o movimento operário juntamente com o movimento cooperativista era mal visto, por representarem subversão ao sistema capitalista. O cooperativismo apresentava organização de diferentes pessoas, maioria proletária que se organizava de forma não capitalista, entretanto, sendo integrante a economia do mercado. No cooperativismo prevalecia um ambiente democrático que serviria como espaço de voz para a classe de trabalhadores que eram oprimidos devido ao capital que falava mais alto.

2.1 O caso de Rochdale

Quando discutimos e analisamos a evolução do sistema cooperativista, é notável que essa evolução está intrinsecamente ligada ao contexto da Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra. É na Inglaterra, por exemplo, que temos o principal exemplo bem-sucedido do cooperativismo que anos mais tarde foram conhecidos e

denominados de os Pioneiros de Rochdale. O exemplo desses Pioneiros é uma grande experiência que se tornou fruto de base e inspiração para as futuras cooperativas que viriam a surgir posteriormente. Entretanto, no século XVIII foram registradas as primeiras experiências cooperativistas denominadas de “pré-cooperativas”, que antecede Rochdale.

A Revolução Industrial e o liberalismo econômico foram responsáveis pelo aumento de desigualdades sociais, miséria e exploração capitalista em proporções enormes no continente europeu. Quando analisamos esse contexto temos no ano de 1844 na pequena cidade de Rochdale, na Inglaterra, 28 tecelões que representavam a classe trabalhadora. A partir dessa organização temos o primeiro exemplo de uma sociedade cooperativa de consumo que alcançou êxito, conhecida como a Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale como pode ser visualizado na figura 07.

A fundação da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, em 1844, no distrito de Lancashire, Inglaterra, é considerada marco do surgimento do cooperativismo moderno. Apesar de, naquele momento, já existir o que veio a ser definido como pré-cooperativas, foi somente a partir da cooperativa de Rochdale que se estabeleceram os princípios desenvolvidos pelos socialistas associacionistas ou utópicos (Robert Owen, François Fourier, Charles Gide etc.) em sua integralidade. Tais princípios sofreram poucas alterações ao longo dos anos nos congressos de Paris (1937), Áustria (1966) e Manchester (1995), organizados pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), conforme Menegário (2000), tendo sido mantido os princípios doutrinários originais de Rochdale, quais sejam: solidariedade, igualdade, liberdade e fraternidade (Guimarães et al., 2015, p. 472).

Figura 07 - Treze dos membros originais da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale, em 1844, Manchester, Inglaterra.



Fonte: autor desconhecido, 1844.

A experiência em Rochdale serviu como a “invenção” do cooperativismo moderno, entretanto, essa experiência foi inspirada em alguns modelos das chamadas

“pré-cooperativas”. Rochdale apresentou para a época algo inédito, dos vinte e oito tecelões que compunham o quadro de cooperados uma era mulher. De fato, quando era analisado a representação feminina na evolução do cooperativismo é algo que não é tão presente assim, mas é inegável que Rochdale abre os primeiros passos para que as mulheres se tornassem cooperadas e se inserissem nos mais diferentes modelos cooperativistas (figura 08).

De acordo com Cavechini (2021, p. 17) a primeira mulher que se tornou associada da Cooperativa de Rochdale possuía os mesmos direitos que os demais cooperados, incluindo o direito a voto nas decisões que eram tomadas na Cooperativa. Naquele contexto, as mulheres inglesas sofriam de proibições no que se referia a participação em sindicatos e em eleições políticas.

Figura 08 – Grupo de mulheres participantes da Sociedade Equitativa dos Pioneiros de Rochdale.



Fonte: autor desconhecido, 1846.

De acordo com Fajardo e Rocha (2018), Rochdale torna-se modelo híbrido que altera a relação entre patrão e empregado, essas figuras se confundiam naquele primeiro armazém de Rochdale, que possibilitava que os cooperados realizassem

compras à dinheiro e a vista. Ainda do ponto de vista dos autores, Rochdale continua sendo até os dias atuais uma experiência que carrega todo o símbolo cooperativista, apesar de não ser a primeira cooperativa do mundo, esse símbolo cooperativista que enaltece Rochdale ocorre devido os seus enunciados e a formulação de suas regras tornaram-se referência mundial para todas as cooperativas.

O surgimento da Sociedade de Rochdale propiciou a organização de um plano de metas que organizariam a cooperativa naquele pequeno armazém, as seguintes metas eram:

Abrir uma loja para venda de alimentos e vestimentas; Comprar ou construir residências aos associados que desejassem ajudar-se mutuamente visando melhorar suas condições de vida doméstica e social; Empreender a fabricação de artigos que considerem convenientes para a sociedade a fim de oferecer trabalho aos membros que se encontrassem desempregados ou que necessitem complementar a sua renda, em razão das constantes reduções salariais; Comprar ou arrendar terras para serem cultivadas pelos associados sem emprego ou com salários insuficientes; Na medida do possível organizar a distribuição dos recursos e a educação, constituindo-se como uma colônia autônoma com interesses solidários; Abrir um estabelecimento (em uma das casas da cooperativa) com o fim de promover a solidariedade (Miranda apud Fajardo, Rocha, 2018, p. 29-30).

A Cooperativa dos Pioneiros além de elaborar os seus planos de metas conforme citado acima, elaborou os Princípios Cooperativistas que não são regras obrigatórios para todas as cooperativas no âmbito global, mas os princípios elaborados em Rochdale ainda perpetuam em boa parte das mais diversas cooperativas espalhadas pelo mundo.

Conforme aponta Cavechini (2021, p.18), o diferencial em Rochdale foi estabelecimento de um rigoroso código de conduta para o desenvolvimento da cooperativa. Dentre as condutas estabelecidas, destacam-se a livre associação, o controle democrático - ou seja, um voto por membro, a distribuição de sobras para cada cooperado, o investimento na promoção da educação, a neutralidade em relação a aspectos religiosos e políticos, o pagamento limitado de juros sobre o capital e a vendas de produtos que fossem vendidos exclusivamente à vista.

Para estabelecer os princípios cooperativistas nas demais cooperativas espalhadas pelo mundo foi fundada em 1895 a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), que reuniu em um encontro em Londres, treze nações que se destacavam como líderes cooperativistas – Alemanha, Argentina, Austrália, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos, França, Inglaterra, Países Baixos, Índia, Itália, Suíça e Sérvia (Cavechini, 2021, p.18).

Nesse encontro em 1895 foram estabelecidos alguns parâmetros para os princípios cooperativistas, além da divulgação de informações sobre o sistema cooperativista e o desenvolvimento de comércio internacional. Vale ressaltar que a ACI é uma das poucas organizações que resistiram tanto a 1º e 2º Guerras Mundiais. “Apesar das diferenças dos países-membros, a ACI sobreviveu em razão do compromisso com a paz e a democracia e da neutralidade política” (Cavechini, 2021, p.18).

Em 1995, ano do centenário da ACI, foi apresentada algumas mudanças nos sete princípios cooperativistas, essa versão publicada em 1995 segue em uso até os dias atuais, conforme quadro abaixo.

Quadro 1 – Princípios cooperativos de acordo com a Aliança Cooperativa Internacional, atualizados em 1995 (Cavechini, 2021, p.18 e 19)

<p>1. Adesão voluntária e livre - qualquer pessoa interessada em utilizar os serviços e apta a fazê-lo pode filiar-se, desde que disposta a aceitar as responsabilidades como membro da sociedade. A adesão deve ser livre, não imposta, e a filiação se dá dentro de limites definidos no estatuto da cooperativa. Assim, por exemplo, uma sociedade de transportadores de carga só admite profissionais e empresas dessa categoria.</p>
<p>2. Gestão democrática - nas decisões da cooperativa, todos os associados têm igual direito de voto (um membro, 1 voto), independentemente de porte, tempo de filiação e volume de compras ou negócios realizados na organização.</p>
<p>3. Participação econômica - ao associar-se, o membro adquire certa quantidade de cotas de capital, em geral a partir de um limite mínimo que varia de uma cooperativa a outra. Desse modo, passa a ser coproprietário da organização, com acesso aos produtos e serviços e direito à participação nos resultados (positivos ou negativos).</p>
<p>4. Autonomia e independência - as cooperativas podem firmar acordos e parcerias comerciais e institucionais, desde que não afetem o controle democrático dos membros. Vale ressaltar que essa liberdade é menor para cooperativas de crédito, pois, como instituição financeira, são submetidas à</p>

<p>fiscalização do Banco Central, o que, por outro lado, proporciona maior segurança à gestão dos recursos dos membros.</p>
<p>5. Educação, formação e informação - as cooperativas devem promover a educação e a formação dos associados, representantes eleitos, gestores e colaboradores, para que contribuam para o desenvolvimento das atividades das respectivas organizações e, assim, gerem benefícios para cooperados, famílias e comunidades em que vivem e trabalham. Ao mesmo tempo, devem levar informações ao público em geral para que conheçam e entendam a natureza e as vantagens do cooperativismo. Em conjunto, esses três fatores são fundamentais para o fortalecimento, a multiplicação e a perenidade do modelo de negócios.</p>
<p>6. Intercooperação - as cooperativas atendem de forma mais efetiva aos interesses dos membros e fortalecem o movimento cooperativista trabalhando em conjunto por meio de estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais.</p>
<p>7. Interesse pela comunidade - conforme define a ACI, “[...] as cooperativas trabalham para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades por meio de políticas aprovadas por seus membros”. Isso significa que devem adotar práticas de responsabilidade social e ambiental em benefício das localidades em que estão instaladas, bem como, e em especial, das camadas mais carentes da população.</p>

Fonte: CAVECHINI, 2021

2.1.1 Histórico do cooperativismo no Brasil

No Brasil, o cooperativismo surge no final do século XIX. Inspirado nos moldes cooperativistas observados na Europa, diversos imigrantes, militares e profissionais liberais observaram a expansão desse sistema e buscaram a implantação de cooperativas de créditos e de consumo no Brasil.

As primeiras iniciativas de fundações de cooperativas no Brasil surge no final do Brasil Império e início da República no Brasil. No final de 1889 foi fundada a Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto-MG, essa cooperativa tinha atuação no ramo de consumo e fornecimento de produtos agrícolas para os seus membros, logo depois de Minas Gerais a experiência cooperativista se

espalha pelos estados de Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul (Cavechini, 2021, p. 19).

Segundo Souza et al. (2007), o cooperativismo ganha impulso e maior expansão no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. O principal setor que apresenta o maior faturamento é o setor representado pela agropecuária. Conforme o Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná - OCEPAR (2020), o cooperativismo brasileiro está dividido em sete ramos, sendo: agropecuário; consumo; crédito; infraestrutura; saúde; trabalho de produção de bens e serviços; e transporte.

Segundo a Organização das Cooperativas do Brasil – OCB (2023), os ramos agropecuário e de transporte representam a maior parcela de cooperativas, sendo 44%, o ramo agropecuário é o que mais emprega no Brasil, sendo 48%, seguido do ramo de saúde que representa 26%. Em relação ao número de cooperados, o ramo de cooperativas de crédito se destaca, tendo uma representatividade de 75% no total.

Quadro 2 – Ramos Cooperativos e totais de cooperativas, cooperados empregados direto.

Ramo	Cooperativas	Cooperados	Empregados
Agropecuário	1.185	1.011.023	249.584
Consumo	235	2.149.713	14.471
Crédito	728	15.501.804	99.331
Infraestrutura	284	1.293.467	7.061
Saúde	720	253.667	135.633
Trabalho produção de bens e serviços	655	182.783	12.407
Transporte	886	96.697	5.748
Total	4.693	20.489.154	524.235

Fonte: OCB, 2023.

2.2 O lugar enquanto instância espacial da cooperativa

O lugar, enquanto instância espacial da cooperativa é um conceito interligado, ambos estão enraizados na interação entre diferentes pessoas. Ao analisamos a comunidade de Castrolanda, o lugar assume um papel significativo, pois ele

desempenha a construção de uma imagem da comunidade neerlandesa como forte e resiliente.

Quando a comunidade neerlandesa de Castrolanda fundou a cooperativa em 1951, em Castro-Paraná, a relação com o lugar, no caso, a Colônia Castrolanda se tornou-se alicerce central da identidade da cooperativa e de seus membros, oferecendo um sentimento de pertencimento e fortalecendo os laços comunitários. Mantendo uma conexão com o seu lugar de origem, os Países Baixos, e com o novo lugar que os recebeu, o Brasil.

Ao examinarmos a Castrolanda a sua delimitação geográfica é transcendida adentrando em sua complexidade como espaço socialmente construído, tendo múltiplas interações sociais, econômicas, culturais e políticas. Além das relações entre cooperados, funcionários e comunidades circunvizinhas do Município de Castro. Nesse aspecto, a Castrolanda não se insere como lugar em espaço vácuo e isolado, ela apresenta inúmeras interconexões como variáveis políticas, mercado agrícola, além do já citado contexto social, econômico e político que o circunda.

Segundo Santos (2023), os lugares se tornaram suporte de relações globais, tendo as regiões como lugares funcionais, entretanto, o tempo acelerado provoca diferenciações entre esses lugares, sendo assim o lugar define-se como “funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente” (Santos, p. 158, 2023).

Tanto a região, quanto o lugar, são subespaços subordinados às mesmas leis gerais de evolução, onde o tempo empirizado entra como condição de possibilidade e a entidade geográfica entra como condição de oportunidade. A cada temporalização prática corresponde uma especialização prática, que desrespeita as solidariedades e os limites anteriores e cria novos (Santos, p. 159, 2023).

Os neerlandeses em Castrolanda apresentam características do seu lugar de origem, isso ocorre através da manutenção da identidade e tradições que originam limitação espacial e também cultural. Exemplo verificado sobre isso é a existência de um portal construído no acesso à Colônia Castrolanda, esse portal limita onde ocorre o início das terras da Colônia e, mesmo estando dentro do Município de Castro esse portal proporciona diferenciação entre a população castrense e a população que reside na Castrolanda (Zan 2021, p. 21). Para Santos (2023)

Hoje, objetos culturais tentem a tornar-se cada vez mais técnicos e específicos, e são deliberadamente fabricados e localizados para responder melhor a objetivos previamente estabelecidos. Quanto às

ações, tendem a ser cada vez mais racionais e ajustadas. Convertidos em objetos geográficos, objetos técnicos são tanto mais eficazes quanto melhor se adaptam às ações visadas, sejam elas econômicas, políticas ou culturais (Santos, p. 146, 2023).

O território se apresenta com novos recortes, no qual pode ser formado por lugares contíguos e de lugares em rede, esses mesmos lugares constituem a formação de redes que formam o espaço banal, ou seja, espaço de todos, que irão apresentar funcionalizações diferentes, divergentes ou opostas (Santos, p. 139, 2023).

Ainda de acordo com Santos (2023), na realidade de um lugar, a influência sobre território acontece de modo homólogo, complementar e hierárquico. No acontecer homólogo temos áreas de produção agrícola que se modernizam mediante especialização que gera atividades, funcionalidades que dão contorno a uma área definida, no acontecer complementar é explicitado a relação entre cidade e campo e a relação entre as cidades o que é consequência da modernização e de relação geograficamente próxima. No que tange ao acontecer hierárquico as atividades se realizam sob um comando, no caso de Castrolanda quem desempenha esse papel é a cooperativa, é através dela que é realizado um comando, direção e uma produção impresso no cotidiano das pessoas que residem na colônia ou que atuam na cooperativa.

Nesse aspecto, ocorre o que é denominado de produtividade espacial, que se aplica a um lugar, por um conjunto de atividades que caracterizam espaço produtivo, seja através da horizontalidade, ou seja, processo ligado a produção, seja pela verticalidade, que é o processo ligado a circulação (Santos, 2023).

Capítulo 03 - Agentes produtores do Espaço

Este capítulo se propõe a abordar os aspectos dos agentes produtores do espaço que influenciam a consolidação da Cooperativa Castrolanda, a qual está inserida na lógica do mercado nacional e é uma das maiores Cooperativas do ramo agropecuário do Estado do Paraná, esses agentes produtores influenciam nas relações da Cooperativa, desde a sua fundação até dos dias atuais, e na relação que esses agentes tem com a Comunidade de Castrolanda. Neste capítulo, serão analisadas as entrevistas disponibilizadas pelo Centro Cultural Castrolanda que abordem a Tríade: cooperativa, igreja e educação, sendo os principais agentes, além da análise de relatórios e dados estatísticos e econômicos.

Neste sentido, a produção do espaço é resultado de diferentes agentes sociais, que se inserem na temporalidade e na espacialidade, ligados a formação sócio econômica capitalista, isto ocorre por processos históricos que estão ligados aos mais diferentes interesses, estratégias e práticas espaciais (Corrêa, 2022, p. 03).

Conforme aponta Corrêa (1989, p.11), a ação desses agentes é complexa, originando as relações de produção que proporcionam acumulação de capital e que geram conflitos entre as classes que dela surgem. Os agentes produtores em Castrolanda são diversos, atrelados à Cooperativa Castrolanda. Promovendo diversas atividades econômicas, desde a década de 1950 até os dias atuais, diferentes ações e agentes produzem e consomem o espaço, causando influência que resulta na configuração e no uso do território.

Em perspectiva geográfica, espaço e território não são termos equiparados. O espaço antecede ao território, no qual ele se constitui por um agente que o conduz e se apropria, resultando em representação, onde o agente “territorializa” esse espaço (Raffestin, 1993, p. 143). Nessa perspectiva, compreende-se que o espaço projeta um trabalho, e revela cenário marcado pelas relações de poder, ou seja, espaço reproduz as relações sociais de produção, que está atrelada à sociedade (Corrêa *et. al*, 2000, p. 26).

Segundo Raffestin (1993, p. 144), “o espaço é a prisão original, o território é a prisão que os homens constroem para si”. O território se torna produção proveniente do Espaço, essa produção é originada através das relações de poder que o constituíram.

A Castrolanda produz uma representação que envolve diferentes agentes que conseqüentemente implicam em suas relações. Em análise geral, os principais agentes são a Cooperativa, Igreja e Escola. Através desses agentes se revela um território desejado e um local de relações. Essas relações podem ser observadas além da tríade, como, por exemplo, o processo de industrialização que atrelado ao cooperativismo se torna agente produtor do espaço.

3.1 Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda.

A Cooperativa se constitui como o principal agente produtor do espaço, sendo o principal pilar da tríade da comunidade e, é onde se torna o principal local de relações de poder, já que a Cooperativa é inserida na lógica de mercado nacional com grande contribuição econômica não apenas para Castro, mas sim para o Paraná e no ramo agropecuário para o Brasil como todo.

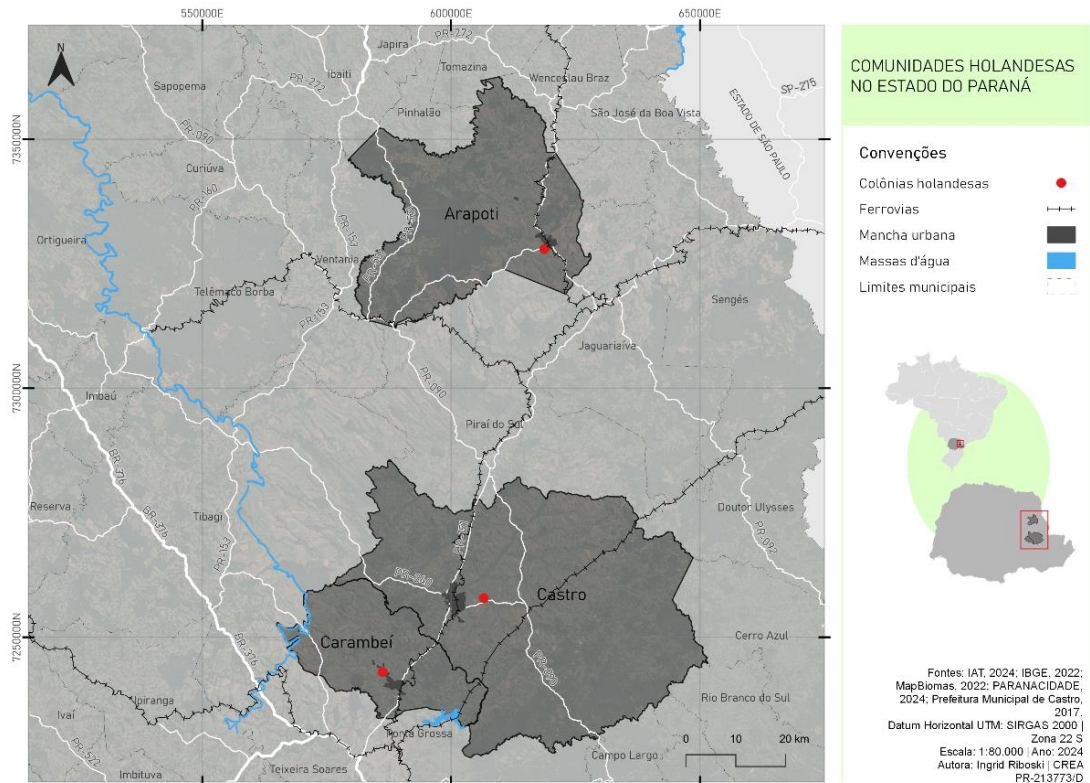
A contribuição da Cooperativa com a economia é observada desde os seus anos iniciais na década de 1950 mostrando o interesse que o Estado visava lucrar em cima, exemplo disso são os lotes adquiridos para a consolidação da Colônia, no qual foram compradas as Fazendas Capão Alto, Matilde e Maracanã, abrangendo aproximadamente área de 5.612 hectares. Através disso a Cooperativa firmou um prazo com o Estado de dez anos para o pagamento, com isenções de pagamentos por cinco anos, entretanto, em 1957 essa dívida foi perdoada pelo Estado, em troca a Cooperativa deveria fornecer leite a região e no aspecto econômico a Cooperativa venderia Gado Leiteiro de raça com preço de custo para o Estado (Rickli, 2003, p.74 2003).

O tamanho dos lotes durante a aquisição era variado, o cooperado que possuísse mais capital e investimento recebia maiores porções de terra, variando entre 35 e 200 hectares. Era estabelecido participação de capital para cada cooperado que era em torno de 37 mil florins, na época era considerado que a menor participação era de 10 mil e a maior participação de capital chegando a 100 mil florins (Rickli, p. 75, 2003).

Na década de 1950, a Cooperativa Castrolanda e a Cooperativa Batavo, visando projeto de Agro industrialização, fundaram em 1954, no Distrito de Carambeí, a Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda (CCLPL). Em 1961, a Cooperativa

Agropecuária Arapoti Ltda (CAPAL)¹¹ associa-se à CCLPL, dando origem ao grupo ABC das Cooperativas Neerlandesas do Paraná (figura 09), ou seja, Arapoti, Batavo (atual Frísia – Carambeí) e Castrolanda (Castro).

Figura 09 – Mapa: Localização das Colônias Neerlandesas do Paraná.



Fonte: Riboski, Ingrid, 2024.

Esta Cooperativa Central de Laticínios tinha como finalidade industrializar e comercializar os produtos de laticínios que eram produzidos nas duas colônias, o que já nos primeiros anos mostrou resultados significativos para ambas as cooperativas, conforme aponta Carvalho et al. (2002)

Após o ano 1954, a produção de leite aumentou significativamente de 2.681.741 Kg de leite em 1955 para 10.507.708 Kg de leite em 1959 beneficiados pela Cooperativa Batavo, mais 6.317.000 Kg de leite produzido pela Cooperativa Castrolanda (Carvalho, 2002, p. 45).

¹¹ Cooperativa Capal foi fundada na década de 1960 por imigrantes neerlandeses no Município de Arapoti. A consolidação da Colônia de Carambeí e Castrolanda influenciou no surgimento de uma nova Colônia, em Arapoti.

No decorrer da década de 1960, a CCLPL diversificou a linha de produção, incrementando a sua linha de laticínios, o abatimento e o processamento de carnes, além de ser uma das pioneiras do avanço da Agricultura Moderna no país. As Cooperativas do grupo CCLPL foram os principais agentes que introduziram o sistema de mecanização e Agricultura intensiva de monoculturas voltada ao mercado de exportação na Região dos Campos Gerais (Dias, Fajardo, 2018, p. 221).

Os avanços das técnicas agrícolas nos Campos Gerais se devem muito ao fato de as Cooperativas incentivarem pesquisas científicas com renomados Agrônomos que vinham dos Países Baixos prestar serviços e pesquisas nas Colônias neerlandesas, através disso formou-se em cada Cooperativa o Departamento de Assistência Técnica (DAT)¹². Os solos nos Campos Gerais são arenosos e ácidos e, com o avanço da Agricultura Intensiva nas Colônias, era inegável que os produtores rurais enfrentariam problemas com processos erosivos.

A solução encontrada foi a técnica de Plantio Direto, que consiste no plantio de sementes sobre a colheita anterior, sem que haja necessidade de realizar aração no solo. Conforme apontam Dias e Fajardo (2018), o uso de plantio direto garantiu sustentabilidade econômica nas cooperativas neerlandesas.

Devido ao seu sucesso, a técnica se disseminou pela agricultura dos Campos Gerais, possibilitando o cultivo em grandes extensões de terra. A partir desse momento, as cooperativas estariam preparadas para se integrar à lógica da agricultura moderna, baseada na expansão das lavouras mecanizadas (Dias, Fajardo, 2018, p. 222).

É nesse aspecto que, na década de 1980, as Cooperativas da CCLPL dão importante passo priorizando investimento em pesquisas em agropecuária, originando a Fundação ABC em 1984, em Castro. A Fundação ABC é a unificação dos DAT's e é voltada para pesquisas e soluções tecnológicas atendendo os produtores rurais que são associados às Cooperativas Frísia, Castrolanda e Capal, além de promover parcerias com diferentes Universidades do Brasil, juntamente com o IAPAR e a EMBRAPA, possuindo seis campos Demonstrativos e Experimentais (Fundação ABC, 2024).

Além de investimentos e pesquisas, os anos de 1980 foram marcados pelos grandes investimentos em marketing dos produtos Batavo ao nível nacional, entretanto, esta década trouxe prejuízos e endividamento para as Cooperativas

¹² DAT tinha como finalidade prestar auxílio e assistência técnica aos produtores rurais das Cooperativas Batavo, Castrolanda e Capal.

devido à alta inflação que assolava o Brasil naquele período. Somando-se a isso os anos 1980, foram caracterizados pela falta de assistencialismo que o Governo prestava às diferentes cooperativas brasileiras e o setor da Agricultura todo observou nessa época falta de incentivo a Créditos Rurais e juros elevados. Pode-se afirmar que esta década, que é considerada perdida para o Brasil em termos econômicos, também foi a década perdida para o Cooperativismo brasileiro.

A década de 1990, no Brasil, mostra o interesse do Estado em uma política neoliberal, o que favoreceu a entrada de multinacionais em diferentes setores econômicos em detrimento da própria indústria nacional. O setor agroalimentar foi um dos mais prejudicados, gerando preocupações econômicas em boa parte das Cooperativas Agropecuárias.

Neste aspecto, inicia-se no setor agroalimentar do Brasil, a desnacionalização e a valorização de empresas estrangeiras. Posto isto, as cooperativas que compunham a CCLPL se vêm obrigadas a buscar parcerias de empresas multinacionais, como a italiana Parmalat. Com isso, as Cooperativas Castrolanda, Batavo e Capal decidem vender 51% dos ativos da CCLPL para a Parmalat Brasil S.A, originando a Batávia S.A. (Cunha, 2011, p.138).

Iniciava-se um desafio para os cooperados, já que a Parmalat era uma empresa com princípios e valores diferentes do que os cooperados eram acostumados com a CCLPL, o que em questão de tempo trouxe descontentamento, além de toda conjuntura econômica que passou a funcionar de maneira diferente do que era observado com as cooperativas neerlandesas da CCLPL. No final da década de 1990, os cooperados enfrentam novo desafio, a Parmalat entra em crise financeira e vende a marca Batavo para o grupo Perdigão.

Apenas em 2007, as Cooperativas Batavo, Castrolanda e Capal vendem todas as ações que ainda eram detentoras da CCLPL, se desfazendo das unidades produtivas de carne e leite. Chegava ao fim a tradição de serem detentoras da marca Batavo, marca que em 2009 passava por novo dono, através do grupo BRF (união da Perdigão com a Sadia). Em 2014, a BRF se desfaz da indústria de laticínios, vendendo a marca para a multinacional francesa Lactalis. Em 2015, a Cooperativa Agroindustrial Batavo altera a sua razão social para Cooperativa Agroindustrial Frísia¹³.

¹³ A Cooperativa Agroindustrial Frísia é detentora das marcas Rações Batavo, Sementes Batavo e Fertilizantes Batavo. Enquanto a marca Batavo associada a produtos lácteos é controlada pela Lactalis do Brasil desde 2015.

3.2 Reestruturação produtiva da Cooperativa Castrolanda

Como descrito anteriormente, a Cooperativa Castrolanda desempenhou papel importante com as outras cooperativas, sendo responsável por uma das maiores marcas de produtos lácteos do Brasil, que observou o seu auge desde a década de 1950 e foi observando aos poucos o seu declínio na década de 1990. Com isso, com todas as incertezas econômicas que a CCLPL passava, a Cooperativa Castrolanda passa por processo de reestruturação de seus negócios, inaugurando a retomada de crescimento econômico e investimentos em marcas próprias e infraestrutura, seguindo seus próprios caminhos. Essa retomada de crescimento teve auxílio do Estado, pois em 1998 a Cooperativa Castrolanda com as demais cooperativas da CCLPL foi inserida no Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária (RECOOP)¹⁴.

O RECOOP foi um programa que investiu aproximadamente R\$ 2,5 bilhões, auxiliando na recuperação das cooperativas consideradas de grande porte, possibilitando que estas cooperativas, juntamente com os seus produtores, transferissem as suas dívidas à União (Dias, Fajardo, 2018, p. 224). É neste aspecto que a Cooperativa Castrolanda encontrou novamente um dos seus principais apoiadores, que foi crucial nos seus anos iniciais. O Estado passa novamente a ser um dos principais agentes produtores na dinâmica cooperativista de Castrolanda.

A década de 2000 marca o início da retomada da industrialização própria de Castrolanda, em 2003 foi inaugurado a Unidade de Batata Frita, e anos mais tarde em 2008 em Castro, foi inaugurada a primeira indústria de laticínios da Castrolanda (figura 10), marcando o retorno da Cooperativa no processo de industrialização de leite, lançando produtos lácteos sob o nome de Castrolanda (figura 11).

¹⁴ Instaurado a partir da Medida Provisória n.º 1.781/98.

Figura 10 – Indústria de Laticínios Cooperativa Castrolanda, Castro, 2008.



Figura 11 – Leite Comercializado pela Cooperativa Castrolanda.



Fonte: Castrolanda, 2011

A Cooperativa Castrolanda atua em quatro cadeias produtivas, sendo elas agrícola, carnes (suínos e ovinos), leite e batata. O papel que a Cooperativa desempenha na vida dos cooperados, ou seja, dos produtores rurais, pode ser explicitado por serviços prestados, como assistência técnica especializada, abrangendo termos técnicos e ambientais, além de auxílio em situações de gestão e crédito rural. No que tange o papel industrial, Castrolanda auxilia os seus cooperados

agregando valor à matéria-prima através de suas marcas ou de terceiros (Castrolanda, 2023).

A Cooperativa Castrolanda possui unidades em diferentes municípios do Estado do Paraná e São Paulo, sendo a sede matriz em Castro Paraná (figura 12 e 13), e as unidades atuando desde a industrialização do leite, batata e rações, além de atuar no mercado com lojas agropecuárias e possuir unidades de beneficiamento voltadas a distribuição de sementes de soja, trigo e batata (figura 14). Essas unidades visam uma padronização e comercialização da produção agrícola produzida pela cooperativa, na qual Castrolanda se torna detentora das seguintes marcas abaixo (figura 15).

Figura 12 – Escritório sede da Matriz Cooperativa Castrolanda – Castro, 2024.



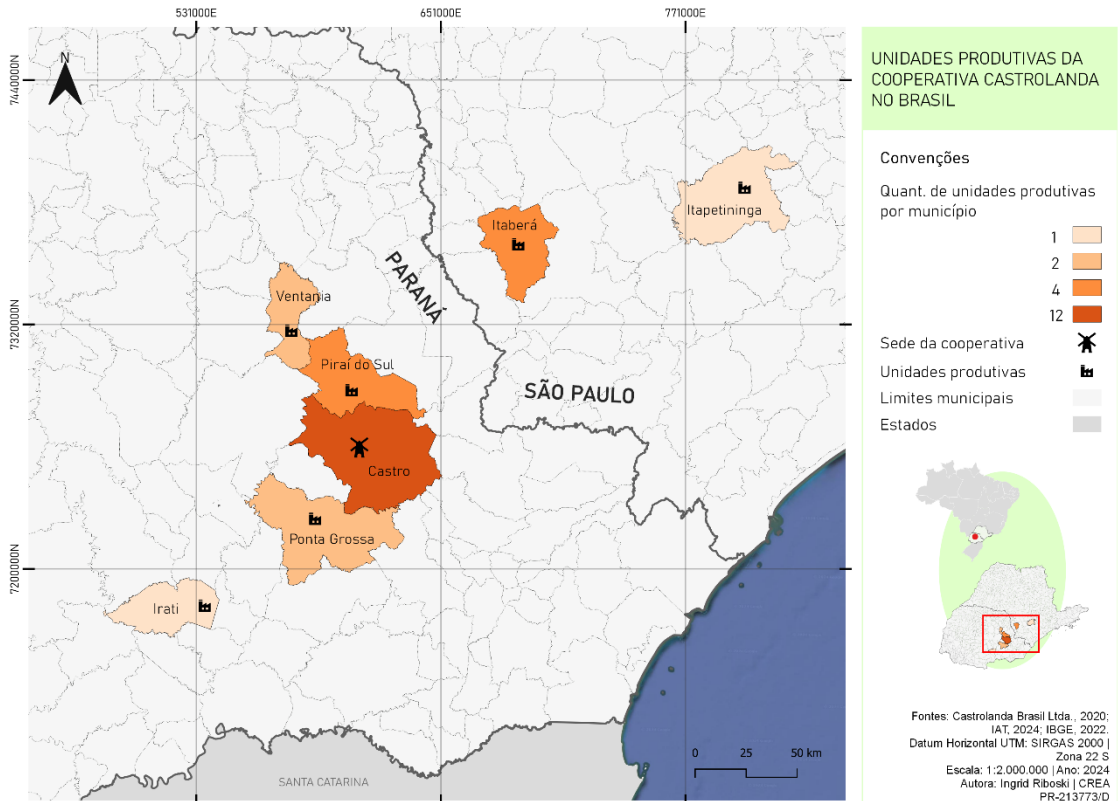
Fonte: O autor.

Figura 13 – Fábrica de Rações sede Cooperativa Castrolanda, Castro, 2024.



Fonte: O autor.

Figura 14 - Mapa: Unidades de produção Castrolanda.



Fonte: Riboski, Ingrid, 2024.

Figura 15 – Marcas próprias da Cooperativa Castrolanda.



Fonte: Castrolanda 2024.

Dentre as principais marcas próprias de Castrolanda é o evento anual Agroleite (figura 16), realizado anualmente no Município de Castro com a missão de gerar conhecimento e negócio. É através desse evento que visitantes e agricultores conhecem a cadeia leiteira da cooperativa, perpassando por outros segmentos ligados ao agronegócio com visão global de perspectivas políticas e econômicas ligadas ao mercado capitalista.

Segundo dados disponibilizados pelo Relatório Anual Cooperativa Castrolanda, o evento bateu um recorde de R\$ 178 milhões de negócios concretizados em 2023, atraindo visitantes de diversos estados brasileiros e de países como Argentina, Paraguai, Bolívia, Uruguai, Espanha e Estados Unidos (Castrolanda, 2024). Esse evento demonstra o tamanho impacto que o Município de Castro possui, apresentando o potencial de leite na região (Agroleite, 2024).

Figura 16 – Feira da Agroleite em Castro PR.



Fonte: Agroleite, 2024.

A cadeia leiteira produtiva de Castrolanda se tornou tão forte que, em 2017, Castrolanda com as cooperativas Frísia e Capal voltaram a atuar em projetos industriais sob a marca Unium atuando no mercado com diferentes marcas e produtos (figura 17). Essa Inter cooperação entre as cooperativas proporciona que elas tenham força de produção econômica em escala regional, nacional e internacional.

Figura 17 – Marcas e produtos da Intercooperação Unium.



Fonte: Castrolanda, 2024.

Esse desempenho econômico da Cooperativa Castrolanda fez com que ela batesse recorde de faturamento em 2023 com faturamento bruto de R\$ 6,7 bilhões,

com aproximadamente 1.197 cooperados e cerca de 2.224 colaboradores distribuídos em 28 unidades da Castrolanda nos estados do Paraná e São Paulo (Castrolanda, 2024). Dentre todos os setores econômicos que a Cooperativa atua, a cadeia leiteira é o que apresenta os maiores resultados de produção chegando à marca de 504 milhões de litros produzidos, somando-se o mercado agrícola bateu recorde com 708 mil toneladas, além de carne suína, rações e batatas (Gráfico 01).

Gráfico 01 - Produtividade da Cooperativa Castrolanda.



Fonte: Castrolanda, 2024.

3.2.1 Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda

A Cooperativa Castrolanda, como pilar fundamental da comunidade, desempenhou um papel essencial para os demais pilares, como o da Igreja. O primeiro escritório da Cooperativa, ainda que brevemente, serviu como espaço para a articulação das atividades da Igreja. Entre as décadas de 1950 e 1970, a Cooperativa financiou e apoiou a entidade religiosa, tanto com a contratação de profissionais quanto com a contribuição para a construção de instalações físicas. Em muitas comunidades brasileiras formadas por imigrantes e seus descendentes europeus, a religiosidade e o espaço sagrado, formalizado pela Igreja, são elementos centrais que influenciam diretamente o espaço e o cotidiano dos moradores. No caso da Colônia Castrolanda, a religiosidade é representada pela Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda (IER), que, dentro da Tríade, se configura como um dos pilares mais importantes e influentes, após a Cooperativa, na comunidade (figura 18). Além disso, a comunidade conta com a Igreja Católica, Capela São Pedro (figura 19), voltada para os membros que não frequentam a IER. No entanto, esta pesquisa se concentrará nas relações da IER como um dos pilares da comunidade de Castrolanda.

Figura 18 – Igreja Evangélica Reformada de Castrolanda (IER), Castro, 2024.



Fonte: O autor.

Figura 19 – Igreja Católica, Capela São Pedro, Castro, 2024.



Fonte: O autor.

As discussões acerca da instalação da Igreja em Castrolanda ocorreu ainda nos Países Baixos. Em 1950, nas reuniões onde era discutido o processo de emigração para o Brasil, foi decidido que após a chegada dos imigrantes em Castro seria fundada uma Igreja Reformada. Esta igreja foi apenas instituída em 1952, após a chegada do terceiro grupo de imigrantes em Castrolanda.

Esses grupos de imigrantes possuíam denominações religiosas diferentes, mas boa parte pertencia a três denominações calvinistas neerlandesas: a *Gereformerd Kerk*, a *Nederlans Hervormed Kerk* e a *Christelijk Gereformeerde Kerk* (Rickli, 2003, p. 21).

A importância da Igreja, perpassa por uma educação religiosa sobre os jovens que pertencem às famílias que são membros ativos da IER, no qual são obrigados a participar de atividades religiosas. Essa educação religiosa é voltada para crianças e adolescentes descendentes de neerlandeses que moram na Colônia, o que já demonstra um espaço em que jovens que não pertençam à comunidade enfrentam uma barreira social e cultural para adentrar e fazer parte desse espaço religioso. O

grupo que enfrenta essa barreira são os “brasileiros”¹⁵, em geral, o que se torna restrito apenas aos Castrolandeses¹⁶.

Conforme aponta Rickli (2003, p. 26), existe na Colônia a Escola Dominical voltada para crianças até 11 anos, seguindo uma lógica de uma espécie de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), onde os professores são membros da IER desempenhando esse papel por três anos. Já os adolescentes são inseridos no Catecismo e posteriormente na Profissão de Fé, este processo dura cerca de 6 a 8 anos e são ministrados pelos pastores da Igreja. Por ventura indivíduos adultos que integrem a IER podem participar de turmas especiais concluindo esse percurso em dois anos. No contexto de brasileiros que tenham interesse em casar dentro da IER com algum membro da Colônia, é recomendável realizar o Catecismo e a Profissão de Fé para se tornar membro professo da Igreja.

Neste contexto, a Igreja abrange diversas esferas da vida social em Castrolanda, desde a infância de muitos moradores, nos quais a Igreja e o parentesco delineiam as fronteiras desse grupo dentro da comunidade. Segundo Rickli (2003, p. 40), esta fronteira tida como cultural não produz o grupo, “mas sim o grupo que produz os seus discursos identitários e suas fronteiras”, essa lógica é ligada à organização interna da igreja.

Essa produção de discursos que destacam a identidade da Colônia composta pela maioria de imigrantes neerlandeses tendo as mesmas crenças religiosas em comum estabelecem fronteira frente a comunidade de brasileiros, conforme aponta Zan (2021, p. 20) esta fronteira possibilitou que Castrolanda se tornasse um núcleo fechado evitando uma aculturação e preservando costumes e tradições de sua antiga pátria. Neste contexto, a Colônia Castrolanda enfrenta lentidão e dificuldades para se integrar à sociedade brasileira.

Desta forma, o próprio discurso identitário do grupo imigrante se consolida como algo socialmente construído, tendo o objetivo de, primeiramente, assegurar a consolidação do núcleo colonial e fornecer uma identidade em comum a imigrantes de diversas províncias dos Países Baixos que possa

¹⁵ Brasileiros é um termo utilizado por alguns moradores na Colônia Castrolanda frequentemente associado às pessoas de fora da Colônia, ou seja, não fazem parte do grupo de imigrantes e nem descendentes. Mesmo que algum membro da Igreja ou da Colônia tenha nascido no Brasil, mas possua alguma relação genética direta com alguma família de imigrante neerlandês, não é considerado na visão de alguns moradores como pertencentes aos brasileiros. Esta análise foi constatada através da observação participante pelo autor através do convívio com alguns moradores da Colônia e atuação como estagiário do CCC.

¹⁶ Castrolandeses é o termo utilizado pelo antropólogo João Frederico Rickli em sua dissertação em 2003 para se referir a comunidade. É uma terminologia utilizada fora da comunidade, para definir a cultura e a identidade da Colônia em pesquisas acadêmicas.

assegurar a permanência destes no Brasil, longe da terra natal, mas mantendo costumes dela originários (Zan, 2021, p.21).

Para Rickli (2003, p. 48), a igreja, neste aspecto, “é o lugar dos princípios e das categorias que organizam e determinam a vida social da colônia”. A cooperativa e a igreja são elos importantes, entretanto, a cooperativa devido a sua amplitude acaba sendo voltada a dinâmica externa entrelaçada ao mercado capitalista, enquanto, a igreja é o pilar que é voltado a dinâmica interna da Colônia, sendo um dos pontos de resistência do espaço da Colônia que busca unir-se com a cooperativa, essa relação pode ser observada no discurso do Sr. Rieks Salomons na comemoração dos 30 anos da Colônia Castrolanda

Todos vocês compreendem que aquele período inicial não foi muito fácil. As opiniões a respeito dos diversos problemas divergiam muitas vezes. Mas felizmente havia lá a igreja, e não estou me referindo agora ao prédio de alvenaria, mas à comunidade de fiéis onde nós, ouvindo a palavra de Deus e invocando Seu Nome, nos reforcamos e recebemos a força para continuar a trabalhar na construção e desenvolvimento da nossa comunidade em todos os setores da vida.

Foi a igreja, durante estes trinta anos, o elo que nos uniu e nos mantinha unidos.

Nova geração! Vocês, que assumiram a responsabilidade em praticamente todas as áreas da nossa comunidade: se Castrolanda quiser ter futuro, esta igreja deverá sempre ser o centro e ponto de partida.

Foi Deus que nos guiou até aqui, e sob Sua bênção Castrolanda chegou a ser o que hoje é.

Nós oramos e confiamos que Ele também dará a todos vocês Sua Bênção no futuro desenvolvimento e expansão desta comunidade. Nesta confiança podemos esta noite comemorar alegremente nosso jubileu de 30 anos de existência (Kiers-Pot, 2001, p. 262).

A IER possui aproximação indireta com a comunidade externa da Colônia. Isto ocorre, pois, a comunidade de Castrolanda, presta serviços voltado a assistência social, sendo responsável por este setor a Associação de Assistência Social de Castrolanda (AASC), no qual é vinculada e responde ao Conselho da Igreja, entretanto, possuindo diretoria própria, no qual, o principal trabalho coordenado é o Centro de Atendimento à Criança e ao Jovem (CACJ).

O CACJ, localizado na periferia de Castro, consiste em realizar atendimento às crianças situadas em áreas de vulnerabilidade social, prevenindo que seus direitos sejam negligenciados e tendo aprendizagem voltada às bases da cidadania, respeito, ética e moral. A instituição possui parceria com a Cooperativa Agroindustrial Castrolanda, organizando, coordenando e ministrando o Programa de Jovem Aprendiz Cooperativo (JAC), onde encaminha adolescentes e jovens para trabalhar

na Cooperativa Castrolanda, este processo de educação consiste em outro pilar da comunidade.

3.2.2 Educação em Castrolanda

A educação, representada pela Escola Evangélica da Comunidade de Castrolanda, é outro pilar que desempenha o papel de agente produtor no espaço da Colônia. Foi um dos primeiros pilares que inicialmente foi aberto aos brasileiros. Segundo Lima (2021, p. 125), a igreja desempenhou papel fundamental para que desempenhasse o ensino na comunidade, foi a igreja inicialmente que estimulou em seus moradores o viés religioso, social e cultural estimulando a união entre eles. Assim, como no pilar Igreja a Cooperativa foi importante para o desenvolvimento da educação na comunidade, inicialmente o primeiro escritório da Cooperativa abrigava a Escola, além disso anos mais tarde a Cooperativa cedeu terreno para que a Prefeitura Municipal de Castro construísse uma escola pública na comunidade.

Inicialmente os estudantes de Castrolanda tinham que se deslocar para a Colônia de Carambeí para estudar na Escola Pilatus. Somente em 1952, com a chegada do segundo grupo de imigrantes em Castro, foi instituída a Associação da Escola Primária Cristã na Colônia instalada no mesmo prédio do escritório da Cooperativa e da Igreja. Com o passar do tempo a escola foi ampliando o seu número de alunos entre neerlandeses e brasileiros, com isso a comunidade viu a necessidade de ampliar o espaço e separar do prédio que abrigava ao mesmo tempo a Igreja e o escritório da Cooperativa. Em 1954 é inaugurado no Centro da Colônia o novo prédio fazendo que o ensino fosse instituído como Casa Escolar (Lima, 2021, p. 125).

A educação em Castrolanda demonstrou laços entre o Brasil e os Países Baixos quando em 1998 foi convidado o Príncipe Willem Alexander, filho da Rainha Beatrix, a inaugurar a Escola Holandesa Prins Willem Alexander que desde a década de 1950 já era constituída na Colônia. Atualmente em Castrolanda existem quatro instituições voltada ao ensino sendo: Escola Prins Willem Alexander (figura 20), Escola Evangélica da Comunidade de Castrolanda (figura 21), ambas de caráter particular e Colégio Estadual do Campo Castrolanda (figura 22) subsidiada ao Estado e a Escola Municipal Professor Relindes Capilé (figura 23) subsidiada a Prefeitura Municipal de Castro, ambas de caráter público.

Os imigrantes não mediram esforços para investir em educação na Colônia, visto que o sistema educacional no Brasil era precário, desde os anos iniciais foi ofertado pela escola o ensino da Língua Neerlandesa e Portuguesa para os alunos. Esta preocupação com a educação, assim como a Igreja era voltada para preservação do idioma, cultura e tradição se constituindo como principal pilar da comunidade.

Figura 20 - Escola Prins Willem Alexander, Castro, 2024.



Fonte: O autor.

Figura 21 - Escola Evangélica da Comunidade de Castrolanda, Castro, 2024.



Fonte: O autor.

Figura 22 - Colégio Estadual do Campo Castrolanda, Castro, 2024.



Fonte: O autor.

Figura 23 - Escola Municipal Professor Relindes Capilé, Castro, 2024.



Fonte: O autor.

3.2.3 Centro Cultural Castrolanda

Na Colônia Castrolanda, como explicitado anteriormente, é a tríade que norteia as relações, com isso, na Colônia o Centro Cultural Castrolanda (CCC) se torna um espaço representando os elementos que constituem esta tríade e influencia no processo de abertura da comunidade para os brasileiros, visto que se tornou ponto turístico na Colônia que recebe diferentes visitantes. O espaço abriga o Moinho “*De Immigrant*”, ou Memorial de Imigração, inaugurado em 2001 nas comemorações dos 50 anos de Castrolanda, e o Museu Histórico de Castrolanda, inaugurado em 2016.

O CCC é o espaço que apresenta a manutenção de práticas culturais da primeira geração de imigrantes para atingir as gerações atuais que residam na comunidade, buscando a consolidação da imagem e da identidade de Castrolanda. O Museu Histórico é o principal ponto representando aspectos sociais e econômicos locais, demonstrando relação entre a cultura neerlandesa e brasileira. Devido à necessidade de existir este espaço, uma vez que os primeiros imigrantes que fundaram Castrolanda já faleceram e a geração mais nova, por diversos motivos, estão deixando Castrolanda o que resulta em necessidade de autoafirmação para que memórias não sejam esquecidas (Lima, 2021, p. 129).

O Museu Histórico possui uma dupla funcionalidade, reforçar a representação do ser holandês de Castrolanda, através de elementos tipicamente

holandeses incorporados à cultura de Castrolanda, tal como a função do Moinho, e um trabalho de recordação e esquecimento que visa a aproximação com os membros das últimas gerações da comunidade (Lima, 2021, p. 129).

O CCC desempenha esse papel de preservação da memória e identidade da comunidade, além disso, se tornou um dos principais pontos turísticos de Castro, município este que tem ampla riqueza natural e cultural. Esta riqueza cultural é representada pelos povos indígenas, africanos, asiáticos e diversos povos europeus que constituíram colônias no município. O CCC possibilitou que visitantes conhecessem a história de Castrolanda em Castro, apesar de existir apagamento sobre a história de povos Quilombolas que viviam muito antes da instalação da Colônia. Contudo, é inegável que a instituição gera marketing para Colônia/Cooperativa, pois desperta a curiosidade de cada turista que a frequenta. Além disso, as exposições internas deste espaço promovem produtos da Cooperativa Castrolanda e da Unium o que gera retorno financeiro para as Cooperativas da Região.

Com a inauguração do Moinho em 2001, a Colônia Castrolanda começou a ser mais frequentada por brasileiros não necessariamente castrenses, no qual ainda existe um certo distanciamento, mas a Colônia passou a ser mais aberta e tendo uma integração maior com a sociedade brasileira. Com isso, cabe a cada visitante que frequenta este espaço ter olhar crítico e reflexivo sobre Castrolanda compreendendo que, assim como qualquer comunidade e cooperativa, tem os seus aspectos positivos e negativos.

3.2.4 Tríade social: a importância para a comunidade de Castrolanda

A tríade social desempenha papel importante na comunidade Castrolanda, esses agentes influenciam no cotidiano dos seus moradores e na construção e desenvolvimento da Colônia e da Cooperativa ao longo dos tempos. Esses agentes foram fortes e interligados no início da comunidade, resistindo até os dias atuais.

A comunidade concentra boa parte de suas atividades no mesmo espaço, buscando conservação cultural do neerlandês, demonstrando separação do meio urbano dos brasileiros aparentando uma resistência cultural.

Essa resistência cultural era mais forte na década de 1950. Ao analisar o pilar da cooperativa, neste período ela era composta na maior parte por neerlandeses o que tornava cooperativa e colônia praticamente sinônimos. Mas, como visto

anteriormente, a expansão da Cooperativa pelo Brasil nos anos 80 possibilitou que cada vez mais cooperados brasileiros de diferentes etnias se associassem. A entrada de cooperados brasileiros fez com que Colônia e Cooperativa não fossem mais sinônimos, se distanciando em certos aspectos, mas mantendo suas respectivas relações para a sua organização espacial.

Posto a isso, a análise de cada pilar como um agente que constitui a Colônia de Castrolanda, é realizada através das entrevistas disponibilizadas pelo CCC¹⁷, no qual foram transcritas sem alterações ou cortes, ou seja, respeitando a fala de cada entrevistado buscando a conservação de estruturas e conjunções verbais, ressaltando que muitos imigrantes tem certas dificuldades em pronunciar certas palavras da língua portuguesa, além disso, nesta pesquisa será preservado o anonimato de cada entrevistado, sendo nomeados com as letras X, H, J, T, B.

Começamos com o depoimento de um imigrante que chegou em Castrolanda em 1953 com oito anos e que acompanhou desde o início as transformações em Castrolanda que será nomeado como senhor X, no qual relata a importância da cooperativa nos anos iniciais. Sendo responsável pela fixação de alguns imigrantes em território brasileiro e desempenhando papel que ia além de questões relacionadas a agricultura.

Sem a Cooperativa metade acho que tinha voltado pra Holanda, e tinha se quebrado. A Cooperativa foi, olha e as vezes ficava doente na família uma morria entrava em dificuldade outros parentes, outros socorriam e iam ajudar. E naquela época não tinha aquela saúde coisa tudo, era através da cooperativa e da igreja [...]. No fundo a cooperativa fazia muita coisa por nós, sem a cooperativa não ia dar certo! Essa colônia não seria o que é hoje sem cooperativa (senhor X, 2021).

A Castrolanda no início desempenhava um papel que ia além do econômico, buscando prevalecer o cunho social e o bem-estar entre os cooperados, conforme os princípios cooperativistas de Rochdale. Esse bem-estar entre os cooperados e o assistencialismo que a Cooperativa prestava era muito comum nos anos 1950, o que pode ser explicado que inicialmente a Cooperativa era voltada apenas para comunidade e não voltada ao mercado externo, pode-se perceber isso no relato do senhor X, no qual ele explica que no início não ocorria muita interação com o povo brasileiro principalmente com a população de Castro.

Eu me lembro a gente não tinha entrosão com Castro com pessoal de lá não tinha a gente ia as vezes numa loja num bar comia um cachorro quente ou

¹⁷ Em anexo, o roteiro utilizado pela Instituição para a realização das entrevistas.

(...) sorvete, mas não ia muito pra Castro não! A gente ia as vezes pra cinema que era maravilhoso! (senhor X, 2021).

Percebe-se pelo relato do senhor X quando afirma na expressão ‘não ia muito pra Castro não’ existindo certo distanciamento entre a Colônia e o Município. Como se Castrolanda fosse uma espécie de lugar a parte se confundindo entre os Países Baixos e o Brasil, mas principalmente sendo resistente aos brasileiros. A resistência com os brasileiros prejudicou que a comunidade se adaptasse ao Brasil, principalmente os imigrantes de 1º geração que enfrentaram dificuldades na Língua Portuguesa. Essa constatação é confirmada pelo relato do senhor X.

Não, a minha mãe não se acostumou ela veio por acho que pela força do meu pai e pelas famílias. E como a gente vinha em grupo e ela não se adaptou! Quer dizer se adaptou dentro da Colônia, mas não com o povo brasileiro (senhor X, 2021).

As mulheres na Colônia enfrentaram dificuldades de se adaptarem à Língua Portuguesa, isto ocorreu, pois inicialmente nos anos 1950 em Castrolanda as mulheres tinham funções de serem do lar, cuidando da casa, dos filhos ou da propriedade. O maior contato com o meio externo, mas restrito à Colônia, era através da escola onde haviam professoras, no qual, era visto como extensão do lar. Ou as mulheres que participavam da Igreja, sendo que a Igreja se tornava o elo fundamental na união entre a comunidade e entre as famílias. Entretanto, essa união não integrava os brasileiros, o máximo de união que ocorria com o ambiente de fora da Colônia era com os alemães.

Era muito unida as vezes tinha um atrito entre uma outra família, mas eles sempre voltavam na igreja. Era a igreja, escola, cooperativa os três foi fundamental. No início era só a nossa igreja e depois mais tarde com igreja presbiteriana e luterana também um pouco! Por que a luterana um pouco tinha mais alemão né, então holandês, alemão se entrosavam um pouquinho mais fácil do que com o brasileiro. Nada de contra ao brasileiro, mas vamos dizer talvez por causa da origem (senhor X, 2021).

Os pilares foram se modificando ao longo dos anos, por exemplo, antigamente se algum morador de Castrolanda não fizesse parte da Cooperativa ou da Escola e Igreja não era integrado a comunidade. Isto mudou com o passar dos anos, o que é natural, pois o mundo está em constante transformação e no caso da Cooperativa para se desenvolver teve que se adaptar a lógica do mercado capitalista no Brasil, mas essa transformação não agrada todos os cooperados, o senhor X relata essa preocupação e também expressa como a cooperativa detém monopólio o que resulta em falta de opções para boa parte dos cooperados na região e, de certa maneira, prejudica os pequenos e médios proprietários.

Não sei se aí eu fico preocupado as vezes, vamos dizer a Cooperativa mudou. Aquela época se você morava longe ou perto o teu preço de leite era X e ele recebia, hoje não! O grande recebe mais que o pequeno, o pequeno tem que pagar pro grande porquê eles descontam lá e o grande vai receber mais por leite, ainda bem que a lavoura não faz isso! Mas esse hoje em dia vamos dizer que a Cooperativa, vamos olhar diferente a Cooperativa nós temos a Cooperativa Castrolanda, eu tenho críticas a Cooperativa, mas desde for construtiva não tem problema! Se tivesse mais uma Cooperativa aqui 1 quilômetro pra frente eu não sei se ia na Castrolanda eu não tenho opção, única Cooperativa que eu tenho é Castrolanda. Ou então você vai na Cooperativa ou você começa por conta, tem produtores que são sócio da Cooperativa e eles não dependem da Cooperativa, se eles quisessem eles podiam fazer o próprio, tem toda estrutura que não dependem da Cooperativa.

A Igreja teve e sempre terá membros que não são muito participantes e antigamente se você não participava de um desses três você era excluído! Então todo mundo participava gostava ou não, devagarinho tem gente que se afasta, eu sinto tristeza com esse aí. Na Cooperativa, eu sou cooperativista até hoje e eu nunca saí da Cooperativa, eu tenho as minhas críticas construtivas, também como a forma como está indo hoje, cooperativa está fazendo o que bem entender. O dinheiro sai do bolo grande, é possível? É! Dinheiro não está faltando, mas tem que olhar mais pelo bem em comum, não esqueça do parceiro que sempre lutou junto com você sempre teve. Não pedindo esmola não, mas olhe bem com carinho pra a comunidade em geral! Porque a cooperativa não é mais o mesmo! Isso é verdade, é natural acho que é natural. Não vou dizer que está errado, de jeito nenhum! Mas nós gostamos de falar nossa Cooperativa, mas como eu já falei cooperativa é cooperar, não o que está acontecendo. Eu já estive aqui na Cooperativa eu queria buscar o produto não tem, mas tinha 250 litros ainda, não tem um produtor que viu que estava subindo e comprou tudo! Que tipo de cooperativa? Isso não é cooperar! (senhor X, 2021).

As percepções em si sobre a Colônia, a tríade e a Cooperativa foram se modificando com base nas gerações, essa percepção se modifica quando é analisado o caso de um imigrante que será nomeado como senhor H que emigrou para o Brasil na década de 1970 chegando em Castrolanda com a sua esposa em 1975, o que modifica um pouco, pois ele chegou em uma época que Castrolanda já estava melhor estruturada. Além disso, ele emigrou para o Brasil por vontade própria com objetivo de se tornar agricultor diferentemente dos demais imigrantes que emigraram para o Brasil em consequência do pós-guerra.

No caso do senhor H a sua relação com o pilar Igreja foi diferente no início, devido ele ser católico e Castrolanda seguir a vertente Protestante o que resulta em um modo diferente de viver a sua espacialidade em Castrolanda. Além disso, isso se torna uma barreira para um recém-imigrante chegado ao Brasil frequentar a IER.

Eu era católico! E eu vim aqui numa comunidade Protestante Reformada. Protestante então não era bem a minha praia! Mais tarde eu achei muito interessante frequentar a minha igreja e, tem que entender em setenta e cinco à Igreja Católica holandês era igreja rebelde, tá? E a distância né? Entre a Igreja Católica holandês, Igreja Católica brasileira era tão grande que você não se sentia nunca em casa! Aqui no Brasil o espiritismo na igreja católica era muito forte! E, é uma coisa que a gente não conhece lá na Holanda, então para nós, para mim, pra mim a Igreja Protestante de Castrolanda estava muito mais perto da minha cama do que Igreja Católica.

Holanda quando você vai em igreja lá, tem pessoa na porta recebendo as pessoas. Se eles sabem que você não é de lá, eles oferecem um hinário e, eles levam você dentro de igreja e fala: Olha quer sentar? Dão uma orientação. Então, quando fiz parte do conselho, propus isso então, a pessoa estava lá na porta, mas eu tenho leve impressão que não houve essa orientação para novatos! Porque maioria dos novatos vem junto com alguém, né? E pessoas sozinhas dificilmente chega lá, mas eu nunca vi. [...] Pessoas de fora tem muita dificuldade de ultrapassar a barreira da porta aqui, eu vivi isso a 45 anos atrás, esse drama eu conheço muito bem! (senhor H, 2022).

Segundo o senhor H o que modificou ao longo dos anos na Colônia foram as diferenças entre as profissões entre os membros da comunidade. Quando analisado a década de 1950 boa parte dos jovens ajudavam os seus pais em suas propriedades e seguiam a sua vida trabalhando em um dos pilares da comunidade. Prevalecendo a agropecuária no cotidiano, entretanto, as gerações mais novas na Colônia seguem outras profissões e alguns deixam a Colônia para estudar ou trabalhar em outros lugares.

Todo mundo ganhava o pão de cada dia com agropecuária, depois nós estamos duas gerações estamos quarenta e sete anos pra frente a situação mudou. Tem gente que tem empresas, indústria, comércio tem gente que são médicos, são psicólogos, diversificou muito! Então a homogeneidade de comunidade está mudando um pouco, mas se você observa politicamente como é o padrão aqui, o pensamento é muito homogêneo! (senhor H, 2022).

Quando se afirma que as profissões na Colônia mudaram, mas o pensamento político permaneceu o mesmo, o que de fato ocorre é que existe um pensamento predominante e padronizado em cada pilar e na comunidade como um todo. Ou seja, pensamentos, ideias e ideologias diferentes não são bem aceitos na Colônia, resultando em uma exclusão de indivíduos que discordam da ideologia predominante em Castrolanda.

Eles não permitem, eles não deixam, eu posso dizer que tem até uma grande intolerância por opiniões diferentes o que fazer? As opiniões diferentes não se manifestam! Quando tinha uma pessoa aqui na colônia tendo uma opinião ele foi “sacrificado”, então é difícil de ter uma opinião aqui! Você fala algumas coisas e, eu acho que maior dificuldade que nós tivemos é como as pessoas aqui na comunidade confessa uma fé, religião, mas agem diferente, né? São duas coisas diferentes, domingo e segunda-feira não tem nada a ver com outro. É muito interessante porquê nós vivemos em uma comunidade, sociedade holandesa. E onde que a crença está profundamente enraizada naquilo que você faz no dia a dia [...] (senhor H, 2022).

A diferença entre domingo e segunda-feira, está ligado ao contexto que os cultos da IER ocorrem nos domingos, no qual, reúne boa parte da comunidade principalmente os imigrantes que ainda são vivos, entretanto, o discurso professado na Igreja no domingo é muito diferente do que é colocado em prática na segunda-feira segundo o relato do senhor H.

Se você observa a nossa igreja não tem crucifixos lá, nenhuma cruz! Curiosamente por causa do Para Raio nós temos uma cruz em cima da torre de badalação, mas não tem imagem lá porque dentro do nosso Protestantismo não existe, você não tem imagem! Até sobre Igreja Luterana, onde que tem o crucifixo? Eles criticam, mas a mesma pessoa que está sentada nessa igreja, tem essa fé, tem essa origem do Protestantismo. Aqui nós temos uma organização (...) que tem que mostrar as nossas origens, do protestantismo. E o cara pendura uma foto, né? Do ídolo dele. A gente não podia falar antigamente, eu adoro sorvete! Porque você só pode adorar teu Deus, ele pendura a foto do ídolo dele na frente da casa dele, tá? Do candidato da Presidência! Você está entendendo? Você está dentro de uma igreja, dentro de um determinado pensamento, porque lá na Holanda, Europa, norte da Europa, você nunca vê a foto de um candidato, nas propagandas política. É a sigla do partido, porque você vota no partido, porque ele representa, um pensamento, uma maneira como é que você quer é organizar a sociedade conforme a sua fé. E assim você veja aqui como é depois de setenta anos. Comemoramos ontem setenta anos esse negócio não tem mais conexão. As pessoas não sabem mais porque que estão fazendo determinadas coisas. Tá? Mas se alguém amanhã coloca um crucifixo dentro da igreja, não pode! [...] Quando eu falo que aquilo de domingo e segunda-feira está muito longe e não está integrado! A engrenagem totalmente perdida (senhor H, 2022).

Por meio das entrevistas, alguns imigrantes relatam a Geografia local de Castrolanda, muito associado as memórias da infância e o percurso que faziam para ir para a Escola em Castrolanda, no qual uma imigrante sendo nomeada como senhora J que está em Castrolanda desde 1951, que emigrou para o Brasil com apenas 05 anos.

O percurso para a escola nós ia de a pé porque nós morávamos perto da escola, escola que está aqui ainda hoje em dia, é aquela mesma! Os vizinhos nossos eles tinham permissão, passavam pelo banhado reto e nós tínhamos que dar uma curva grande pra não entrar no banhado e daí eu falava pra minhas irmãs "mais rápido, mais rápido" porque nós queremos chegar na mesma hora lá na escola do que eles que passam por dentro, mas é por dentro já tinha que pular de um do banhado pro outro, e a maioria das vezes então, a gente foi a pé eles entraram mais tarde do que eu na escola. Eu me lembro bem os primeiros anos da infância né, e mais tarde com o mestre Epema, que era um professor que sabia contar muito bem histórias, ele mandava bem! Era de respeitar mesmo, ele sabia das coisas ele ensinava muito e o estranho, nós aprendíamos Geografia dele começando da Holanda, a gente tinha o mapa da Holanda com só os pontos, onde é que tinha as cidades, então a gente tinha que decorar, onde ficava cada cidade e também da Europa, a gente aprendia bastante, depois nas aulas em Português a gente tinha metade do dia das 08 até as 16 metade era em Holandês metade era em Português e nas aulas de Português a gente aprendia Geografia também novamente, mas começava com o Brasil, com as Américas. Então num lado estava se completando bem, a matemática também era um pouquinho diferente, na Holandês a gente aprendia a contar de cabeça sabe,

fazer as contas de cabeça e era um pouquinho diferente, mas eu acho que tudo, um acrescentava até a outra (senhora J, 2021).

O caminho da Escola revela uma Geografia Local, mas também uma Geografia Física de Castrolanda. As terras da Colônia são áreas de banhado, entretanto, os neerlandeses possuem experiências com estas terras, pois se assemelham com as terras nos Países Baixos, as quais são drenadas. A senhora J relata como era a Cooperativa nos anos iniciais, onde era restrita praticamente aos homens, e compara a Cooperativa atualmente.

É no início eram só os homens, a maioria só os homens que ficavam sócios, tinha uma viúva ou qualquer coisa que também ficavam sócios, mas em geral era o marido. Naquela época o leite os preços eram pagos tudo igual! Mesmo morando distante ou longe as tarifas de despesas era tudo igual para os grandes como para os pequenos, acho que a cooperativa naquela época era muito mais direcionada pra que todo mundo tivesse possibilidades de participação! De ganhar e não favorecendo os grandes pelos pequenos! (senhora J, 2021).

A expansão da Cooperativa e da Colônia fez com que a comunidade crescesse, mas esse crescimento distanciou os seus moradores daqueles pilares que norteavam as vidas dessas pessoas.

Quando a gente chegou com cinco anos pra cá a Colônia era como uma grande família! Tinha gente que nós tínhamos família, tios e tias, mas muitos não tinham, mas sempre então quando eu falei nas festas, todos eram convidados e uns ajudavam os outros. Também na lavoura com tratores com serviços também, em casos de doenças. Hoje em dia também vamos dizer quando tem um falecimento de uma pessoa sempre os vizinhos ajudam em todas as tarefas que tem que ser feitos, isso continua ainda, é um costume que ficou muito bonito e que permanece. Eu acho que a convivência na Colônia ficou um pouco diferente porque a gente ficou um pouco mais distante num lado porque tem mais pessoas não dá pra fazer amizade com todo mundo. Mas eu acho que ela ficou, tem tanta gente brasileira que entrou na nossa comunidade que se adaptou tão bem a gente, as amizades e a convivência ficaram muito boa ainda, acho que a distância entre a Cooperativa, Igreja e a Escola está permanecendo mesmo, está um pouquinho mais distante principalmente financeiramente tem mais distância, mas eu acho que nós temos muita sorte na nossa convivência aqui na nossa colônia. [...] Hoje em dia algumas pessoas não se sintam tão unidas com o grupo (senhora J, 2021).

A Cooperativa/Colônia está ligada aos neerlandeses, entretanto, não se consolidou apenas com eles, o seu desenvolvimento está ligado à força de trabalho brasileira, principalmente castrense. Com isso, é analisado o relato de uma moradora brasileira de Castrolanda que será nomeada como senhora T, no qual ela se mudou para Castro na década de 1960 e começou a trabalhar na Cooperativa em 1980, na mesma década ela casou-se com um imigrante neerlandês que vivia em Castrolanda desde o final da década de 1950. Em seu relato, ela expressa que, quando trabalhou

na Cooperativa, boa parte dos funcionários eram membros da comunidade e falava-se pouco Português.

Quando eu trabalhei na cooperativa, a maioria dos funcionários era tudo holandeses muito diferente hoje, mas de origem holandesa, tinha muitos brasileiros, é então ali que eu conheci melhor. Convivi mais com a Castrolanda, uma coisa assim que me chamava muito atenção era a preservação da língua. Se falava muito em holandês ainda, mas foi assim uma época muito interessante que eu comecei a ter esse contato e conheci a Cooperativa. E através da Cooperativa, conheci muitos holandeses. Conhecendo a cooperativa ali também, tinha muitas pessoas que tinham dificuldades como cooperados, em se comunicar na língua portuguesa então a gente foi se acostumando a ouvir o som, mas a cooperativa por ser uma entre aspas, uma empresa, ela tinha esse perfil que o trabalho todo era em português, né? Então na nossa língua então eu não tive dificuldade nesse sentido! E eu conheci talvez posso dizer mais da cultura e da convivência quando eu comecei a namorar né? Meu marido era de família holandesa e tudo mais e ali que eu tinha assim uma aproximação maior com a cultura como um todo (senhora T, 2022).

Como na maior parte dos casos em Castrolanda, a religião era algo muito forte e a preservação da língua materna em detrimento da língua portuguesa era muito presente, principalmente entre as mulheres que tinham pouco convívio com os brasileiros.

Uma coisa assim, que eu admirava muito e que me cativou era a maneira como a religião era colocada dentro da própria família, né? Os hábitos de se fazer oração antes das refeições, as leituras bíblicas e tudo mais. Então é minha sogra faleceu com noventa e seis anos, agora fez nove anos que ela morreu e mesmo até o fim ela tinha muita dificuldade em falar o português, então a nossa comunicação era muito interessante porque ela falava algumas coisas em holandês comigo eu respondia num português que ela poderia entender. Não poderia assim usar na conversa, não só com ela, mas com outras pessoas mais velhas tempo verbal correto! Fazer uma frase toda elaborada ou no português correto, não a gente tinha que ser bem “é eu vou casa né”? “Eu não eu irei para casa”. Era mais difícil dela entender, mas a gente conseguia se comunicar muito bem, com meu sogro também ele tinha um pouquinho mais de entendimento em português! Porque ele tinha mais convívio com pessoas que falavam português (senhora T, 2022).

Os brasileiros que passam a frequentar a Colônia e se casam com algum membro da comunidade alteram geralmente a sua religião para fazer parte da IER, no caso da senhora T ela por opção própria se mudou para a Igreja de Castrolanda.

Eu fui bem acolhida porque tinha pessoas que eu já conhecia, através da Cooperativa então eu não era assim totalmente estranha, mas houve esse acolhimento é sempre com a barreira da língua, mas eu acho assim, uma coisa que me marca muito é que as pessoas mais idosas ou mais velhas na época parecem que eram as mais abertas, entende? É porque quando você vem pra uma Colônia de origem diferente sempre existe assim algumas barreiras, eu me sentia assim muitas vezes! A ela é brasileira será que brasileiro é? Sabe é uma coisa talvez assim da gente mesmo, mas então ela é brasileira? Sei lá que tipo que ela é? Quais os valores que ela tem? Quais são os princípios? Como que ela foi criada e educada e tudo mais? Mas não vejo assim, teve alguns momentos de dificuldade, mas de maneira geral a igreja foi assim acolhedora! Talvez mais do que ela é hoje com as pessoas que vem de fora! (senhora T, 2022).

Os pilares de Castrolanda é a forma de se manter a tradição e a cultura neerlandesa buscando preservar a antiga pátria, que os imigrantes deixaram em 1950. Entretanto, a antiga pátria atualmente não segue aqueles costumes da década de 1950 o que coloca que Castrolanda promove uma situação a parte dos seus moradores, mas a senhora T pontua que a preservação da cultura é importante, mas que a comunidade não pode parar no tempo e tem que se adaptar ao Brasil.

Eu tenho assim dentro de mim que você preservar uma cultura, você não pode parar no tempo! Se você está num país você tem que se integrar a ele, esse é o meu princípio! Se eu for embora para Holanda é minha obrigação tentar ser holandesa e viver de acordo com o país que eu estou, mas essa preservação da cultura, da história, do folclore, é muito interessante, é muito importante, são valores. Que se perpetuam. (senhora T, 2022).

Senhora T relata que Castrolanda não soube organizar da maneira correta a preservação da cultura e o seu turismo, no qual, não é muito divulgado esse legado da Colônia. Entretanto, ela ressalta que os brasileiros, especificamente os castrenses, fazem parte desta história e tradição.

Ela procurou, mas foi de maneira desordenada, eu diria assim, coisas de certa forma isoladas que eu vejo hoje que se tivesse tido uma um órgão, alguma coisa que juntasse tudo isso as coisas estariam acontecendo de forma mais fácil! Houve ações todo mundo deu tiro para todos os lados, mas não teve foco, hoje está tentando se resgatar. A própria Cooperativa tá tentando as ideias de uma fundação, de um instituto pra poder ordenar pra que não se perca essa história, né? Esse legado, vamos chamar assim que é importante. Isso não é um legado só dos holandeses, é de nós brasileiros! A partir do momento que Castrolanda está inserida no nosso município, faz parte. É Castro! É importante pra todos nós. (senhora T, 2022).

No aspecto de preservação de cultura muitas coisas se mantêm desde os anos 1950. Entretanto, isto se encontra vinculado entre os mais idosos e não à geração mais nova, visto que a geração mais idosa tenta reproduzir através dos pilares uma antiga pátria que não existe mais e uma Castrolanda que tenta se adaptar a essa dualidade de culturas.

A analogia que eu posso fazer de Castrolanda apesar de toda a informação Castrolanda parou um pouco no tempo! A Castrolanda não é a Holanda de hoje, mesmo os costumes, as tradições e coisa e tal, lá na Holanda eles acham um absurdo um grupo folclórico, porque lá não existe mais, o pouquinho que existe é com uma função de turismo de vender alguma coisa, então é muitas vezes eu falei que eu acho que a Castrolanda parou um pouco no tempo porque veio um grupo de pessoas pra cá formaram a Colônia seguiram né? Os costumes, as tradições de uma época de que eles saíram da Holanda e a Holanda não, ela não parou no tempo, e Castrolanda então teve essa preservação da época que vieram e houve uma dificuldade maior nessa integração com o Brasil. Eu diria que Castrolanda é um país a parte, não é totalmente uma Holanda e não é totalmente um Brasil. Misturou um pouquinho dos dois, não digo que isso tenha sido feito de forma intencional, mas é uma consequência, de uma imigração acaba sendo assim. (senhora T, 2022).

Para muitas pessoas que residem em Castrolanda a Cooperativa está intrinsicamente ligada às suas vidas pelo fato de serem cooperados há muitos anos ou terem desempenhado algum papel dentro da Cooperativa. A Cooperativa foi fundamental para o processo da chegada do grupo de imigrantes em Castrolanda, segundo o relato de um imigrante nomeado aqui como senhor B, no qual, chegou ao Brasil com dois anos em 1953 e que se dedicou a maioria da sua vida a Cooperativa desempenhando o papel em cargos importantes relacionados a administração da Cooperativa.

Então novamente a gente tem que pensar que essa organização da imigração foi muito bem bolada! Estrategicamente eles pensaram em muita coisa pra dar certa essa imigração, e um dos pilares vamos dizer do sucesso dessa imigração foi que todo mundo investisse em conjunto em uma ferramenta. Eu chamo de uma ferramenta a cooperativa, nada mais é do que uma ferramenta para nós produtores irmos para o mercado comprar insumo e vender a produção, então esse é o básico da cooperativa.

Mas eu imagino que principalmente naqueles anos a cooperativa era indispensável! Pensando hoje era indispensável! Se não cada um teria que fazer o seu então, o produtor ele tem que ser bom dentro da porteira, fora da porteira ele pode terceirizar isso. De preferência para um ambiente que ele conhece que é uma cooperativa (senhor B, 2022).

O senhor B ele apresenta como a Cooperativa contribui economicamente e socialmente para o Estado do Paraná e como ela se tornou ferramenta ajudando a Colônia a se desenvolver no Brasil, através da cooperação e da união.

Na verdade, a união e o investimento que foi feito nessa ferramenta teve um resultado sensacional porque até hoje a cooperativa é um ícone de desenvolvimento, então se a gente imagina o que o cooperativismo representou pro estado do Paraná, até porque até hoje os resultados são esplêndidos! Vamos dizer, os índices, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos municípios dos estados do Paraná aonde tem cooperativas, seu desenvolvimento humano sempre sobe. Então as cooperativas são ferramentas de desenvolvimento para o estado, isso é muito importante! O interessante de uma formação da cooperativa é a participação de todo mundo. Então quanto mais gente você consegue envolver, porque a participação de uma pessoa em uma estrutura dessa é um aprendizado, queira ou não queira. Então as pessoas amadurecem quando eles participam e essa participação é gratificante! É uma questão se você pode servir é muito mais gratificante do que ser servido, a hora que as pessoas descobrirem isso né? Eu acho que a pessoa se dedica mais a sociedade como um todo, e não apenas no caminho dele, no individualismo (senhor B, 2022).

Essa contribuição para o Estado correspondeu aos interesses que o Governo Estadual tinha na década de 1950 em transformar Castro em bacia leiteira pelo projeto de agroindustrialização que visava que os imigrantes contribuíssem com conhecimento e tecnologia.

Um objetivo muito claro era o interesse do governo brasileiro que viesse esses holandeses. Na realidade o principal objetivo era tecnologia que esses imigrantes poderiam trazer não só os holandeses, italianos, alemães,

japoneses também traziam tecnologia, mas a genética do gado leiteiro e o gado holandês sempre foi uma genética mundialmente difundida então, o Brasil, tinha muito interesse na genética do gado holandês. Isso foi uma das razões do Governo do Paraná investir nessa imigração, o governo do Paraná financiou as terras para essa imigração, mas em troca de fornecimento de leite para os grandes centros Curitiba, Ponta Grossa, etc. Então havia um déficit de produção de leite na época, principalmente um déficit de leite fiscalizado, controlado em matéria de qualidade. O leite que vinha era em garrafa, era vendido em garrafa na época não tinha pet, mas era acho que em garrafas de vinho era vendido leite, com carrocinha ou de bicicleta, o leite era tirado de manhã, até chegar na casa das pessoas esse leite já estava azedo! Então realmente a cadeia do leite precisava ser desenvolvida nesse país, e isso foi ideia desenvolvimentista do governo do Paraná na época em incentivar-se com a genética do gado holandês. Esses imigrantes eles vinham com mais bagagem, eles vinham com mais conhecimento, eles vinham com alguma mecanização, eles vinham com alguma tecnologia que não existia aqui. Que tinha que ser desenvolvida aqui pra que a região se desenvolvesse. Na época não tinha muita estrutura no país aqui. Então eu acredito até tinha móveis, mas móveis adaptados a circunstância, então eram móveis fabricados, pessoalmente utensílios na época, eu pelo que eu me lembro eles trouxeram o que deu pra trazer, porque a notícia era que eles iam pra uma região desabitada e que teria que se virar. Né? É como se não tivesse nada na região aqui, não era bem a verdade! Tinha comércio, algum comércio na cidade, mas o acesso era muito difícil você ir de cavalo e charrete até Castro era o dia. Perdia o dia! Tinha que ir de manhã pra voltar de tarde e daí tinha que voltar antes das quatro porque tinha que tirar leite (senhor B, 2022).

O Cooperativismo é muito forte na Região dos Campos Gerais, diferentes cooperativas desempenham papel fundamental em diferentes setores nos municípios da região. Conforme o senhor B explana, o cooperativismo contribui com o avanço da agricultura, geração de empregos e tecnologia, além de ser uma forma equilibrada entre o sistema capitalista e socialista.

Eu sou cooperativista de corpo e alma eu vejo no sistema cooperativista muitos valores que a gente pratica que são muito interessantes e eu sempre considero que o a região dos Campos Gerais na agropecuária ela é desenvolvida por causa do cooperativismo. Então o fato de nós termos uma fundação ABC, o fato de nós termos um investimento em pesquisa, desenvolvimento, tecnologia é porque nós somos organizados através do sistema cooperativista.

Então eu sempre enxerguei no sistema um resultado muito interessante para o desenvolvimento da região! Me realizei vendo o trabalho de uma cooperativa desenvolver uma região criar empregos, oportunidades. A gente imagina uma cidade que nem Castro, sem a cooperativa eu acho que nós teríamos muito mais desemprego, menos desenvolvimento, porque uma cooperativa ela sempre vem para somar!

Eu me criei dentro do cooperativismo, e vivi a vida inteira dentro do sistema. Então se comparar a grosso modo o ser humano procura milhares de anos com uma convivência equilibrada entre os seres humanos. Aí você achou várias formas no socialismo, capitalismo, comunismo, marxismo, mas eu ainda entendo que a forma mais equilibrada e mais justa é o cooperativismo, entre é o meio termo entre o capitalismo e o socialismo. Você tem uma pensadora aí que tem um dizer: enquanto nós educarmos para somar, enquanto nós educarmos para competir nós estamos educando para a guerra. Se nós educarmos para cooperar nós estamos educando para a paz. Então isso pra mim é uma expressão muito bem pensado vamos dizer assim,

se a gente conseguisse educar as pessoas não sempre pra competir, mas sim pra cooperar, nós poderíamos ter um mundo bem mais equilibrado, bem mais humano, para falar a verdade.

E o cooperativismo é uma ferramenta aonde os menos privilegiados ou os que tem menos eles podem ir juntos, eles podem ir acompanhando. Eles podem participar mesmo menores, mais pequenos, mas eles podem participar desse desenvolvimento todo, isso que é o ponto interessante. Se você pensar em escala, por exemplo, pequeno produtor não consegue! Não tem futuro se ele não se unir com os outros para ter escala para produzir, mas mesmo o médio ou grande ele também tem a sua necessidade de se unir também (senhor B, 2022).

A Colônia Castrolanda em seus anos iniciais demonstrava ser um núcleo mais fechado, apresentando processo de abertura desde a década de 1980, segundo o que aponta o senhor B quando ele foi estudar e residir em Curitiba ele começou a perceber que a realidade era muito diferente do que era vivenciada na comunidade.

Eu vivi durante dezoito anos dentro duma comunidade fechada, protegida, e depois eu fui para Curitiba estudar lá aí que eu aprendi que o mundo é cruel! Que o mundo é diferente, que o mundo não é bem assim, que as regras do jogo são outras e muita muita competição, muita injustiça né? E isso eu entendo que os jovens hoje aprendam isso também, tem que dar valor aquilo que você tem, você tem que dar valor aquilo que as pessoas constroem, para o bem comum, para a comunidade, para a sociedade. O individualismo a impressão que me dá que o jovem aprende hoje a se defender, e isso traz um individualismo muito grande, novamente eu volto aquela expressão, a educação devia ser focada na cooperação e não na competição! (senhor B, 2022).

Esta preocupação da comunidade com o que foi construído recai sobre a geração mais nova, no qual, a tríade e demais valores acaba não apresentando importância tão relevante como para os imigrantes mais idosos, esta mudança de comportamento entre as gerações na Colônia gera preocupações com o futuro da comunidade e com a identidade deste povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou das relações entre a Tríade de uma forma específica como se relacionam, em Castrolanda, nas esferas da Cooperativa, Igreja e Escola. Neste sentido, busca-se retomar alguns pontos de cada capítulo não necessariamente na forma de conclusões, mas como sínteses, visto que esta pesquisa pode ser aprofundada e melhorada em trabalhos futuros. Além disso, a tríade está em constante transformação.

Esta pesquisa teve como objetivos compreender como a Cooperativa influência nas questões sociais, culturais e econômicas e como isso se interconecta com os outros pilares que organizam espacialmente o cotidiano dos seus moradores. Com isso, o primeiro capítulo traçou o panorama do contexto histórico de Castrolanda, ligado a questões políticas e consequências do pós-guerra, além da falta de terras e perspectivas de melhora de vida nos Países Baixos. Esse capítulo demonstrou que instituições religiosas tiveram papel fundamental na consolidação de Castrolanda, onde todo o processo de emigração foi planejado e organizado, por uma Cooperativa de Emigração, atendendo interesses de Governos e dos imigrantes em geral.

A Colônia de Carambeí influenciou na existência de Castrolanda, da mesma forma como ambas foram responsáveis pelo surgimento de uma Colônia em Arapoti. A instalação e a constituição de Castrolanda na década de 1950 deve muito ao Governo do Paraná, no qual, visando projeto de agroindustrialização financiou e beneficiou esses imigrantes em detrimento dos produtores rurais brasileiros, especificamente os pequenos produtores que não tiveram acesso a todo aparato que o Estado cedeu, ou seja, manteve desigualdade no espaço rural paranaense privilegiando um determinado grupo social.

Castrolanda se tornou uma espécie de experimento do Paraná que deu certo, proporcionando que Castro se tornasse Capital Nacional do Leite e o espaço rural se transformando em um processo de industrialização seguindo a lógica do Capitalismo. Neste aspecto, o segundo capítulo traça o panorama da origem e desenvolvimento do Cooperativismo, além do seu conceito, onde é perceptível que o sistema cooperativista faz parte do sistema capitalista, mas pautado em princípios sociais como os princípios cooperativistas de Rochdale, no qual, cada cooperativa se adapta a isso ou não. Nesse capítulo, foi abordada a conexão com a Castrolanda e o conceito de Lugar, onde a comunidade constrói uma imagem de um lugar unido, resiliente

mantendo uma relação com a sua antiga pátria por tradições, costumes e cultura, demonstrando um local de relações tornando um alicerce central da Cooperativa.

Por fim, o último capítulo trata sobre os agentes produtores do espaço, especialmente a produção e a influência em que cada elemento da tríade desempenha o seu papel no espaço de Castrolanda, onde revela um território desejado através das relações de poder. O capítulo descreve cada pilar, especificamente, o pilar da Cooperativa que nos anos iniciais iniciou um processo de industrialização com as demais cooperativas neerlandesas e que na década de 2000 passa por processo de reestruturação produtiva e econômica. Esse aspecto econômico da Cooperativa fez com que ela crescesse e se aliasse ao mercado externo resultando em certo distanciamento da comunidade, hoje em dia os neerlandeses não são propriamente “donos” da Cooperativa, mas sim clientes visto que o quadro de cooperados é diverso, diferentemente do que foi no início, onde a cooperativa buscava o bem-estar social da comunidade indo além do viés econômico e prestando um assistencialismo.

Apesar de todas as transformações na Cooperativa é inegável que ela foi e é importante para a Colônia e a consolidação desses imigrantes se deve a Cooperativa. O sucesso da Cooperativa se deve ao Estado, que possibilitou e deu as condições para que a cooperativa crescesse, porém, essa fórmula de sucesso tem mérito dos neerlandeses, mas possui mérito principalmente dos brasileiros, no qual, são a principal força de trabalho da Cooperativa. Contudo, a comunidade apresenta certo esquecimento sobre esse mérito conquistado juntamente com os brasileiros.

A Igreja é o pilar que mantém essa característica de cunho social, mas perdendo influência com o passar dos anos. Dentre os motivos é a barreira com quem é de fora, a perda da influência da Igreja pode ser explicada levando em conta a mudança de papel da instituição junto às gerações mais novas. Isto pode estar ligado devido alguns membros da geração mais nova serem filhos de casais mistos, ou seja, membro da comunidade casado(a) com algum(a) brasileiro(a), o que altera a religiosidade da Colônia, pois quem é de fora ou se adapta à Igreja de Castrolanda ou à comunidade, no caso representada pela família neerlandesa se adapta a este brasileiro, resultando em algumas modificações na estrutura da família, diferente do que acontecia antes na Castrolanda, onde os neerlandeses casavam com neerlandeses e boa parte pertenciam a mesma instituição religiosa.

A Escola é o pilar que inicialmente desempenhava o papel de preservação da tradição da cultura, especificamente da língua materna. Atualmente ela ainda desempenha esse papel com integração maior de uma parcela de brasileiros que possuam condições de pagar as mensalidades das instituições. É notável que a educação foi um pilar importante para o desenvolvimento da Colônia, mas tendo modificações nos últimos anos, alguns membros da geração mais nova estudam em outras localidades se formando em diferentes profissões e não intrinsecamente ligado a agropecuária.

Este trabalho foi desenvolvido por um referencial teórico com vastos autores. A pesquisa teve como referencial autores que abordam temas como cooperativismo e temas relacionados à Castrolanda. No que se refere ao processo emigratório dos imigrantes para o Brasil as pesquisas de Samara Hevelize de Lima, André Zan, João Frederico Rickli, Kelton Gabriel, dentre outros contribuíram para elucidar a temática da pesquisa, principalmente no que tange ao processo e as causas da emigração para o Brasil, a formação de Castrolanda e como cada pilar torna-se um agente fundamental na organização espacial da comunidade.

A pesquisa teve como objeto de estudo Castrolanda, uma das maiores Cooperativas do Brasil, responsável por grande produção econômica. Neste sentido, autores como Sergio Fajardo e Márcio Mendes Rocha contribuíram com a compreensão, construção do conceito e origem do cooperativismo, resultando que esta pesquisa analisasse o desenvolvimento e transformação deste sistema ao longo dos anos.

Este trabalho resulta em compreensão da identidade local de Castrolanda, demonstrando as características de cada pilar proporcionando visão mais aprofundada e detalhada sobre a inter-relação destes pilares visto que esta tríade é mais restrita ao cotidiano das pessoas de Castrolanda, ou as pessoas que possuam relação mais próxima com os membros da comunidade, apesar de existir limitações com membros externos da Colônia. Fato é que o pilar Cooperativa gera muitos empregos, o pilar Igreja contribui na preservação de valores sociais e culturais e por último o pilar Escola proporcionando educação e formação de muitos estudantes.

A tradição e a cultura em Castrolanda deve ser preservada, no entanto, um aspecto é buscar se preservar o idioma, cultura, pratos típicos ou até mesmo o grupo folclórico, arquitetura, dentre outros elementos. Contudo o que se percebe é a tentativa de reprodução do imaginário representativo do pensamento da década de

1950 ambientada na antiga pátria que não existe mais, essa tentativa resulta em exclusão de diferentes indivíduos e faz com que a Colônia pare no tempo, enquanto a Cooperativa avançou, numa clara demonstração de anacronismo.

A comunidade deve apresentar multiculturalismo, pois é uma das características do cooperativismo buscar o bem-estar da comunidade em que se está inserido. A preservação da cultura deve levar em conta os brasileiros, afinal muitos castrenses construíram a história de Castrolanda com os neerlandeses contribuindo com a riqueza cultural de Castro.

REFERÊNCIAS

ABREU, Adilson Avansi de. **A Colonização Agrícola Holandesa no Estado de São Paulo**: Holambra I. São Paulo: Inst. de Geografia/USP, 1971.

AGROLEITE CASTROLANDA. **Agroleite 2024 atinge marca de R\$ 520 milhões em negócios**. 2024. Disponível em: <https://www.agroleitecastrolanda.com.br/pt-br/noticias/agroleite-2024-atinge-marca-de-r-520-milhoes-em-negocios-302>. Acesso em: 12 set. 2024.

BRASIL. [Constituição (1934)]. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**: promulgada em 16 de julho de 1934. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 16 jul. 1934. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 406, de 4 de maio de 1938**. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Os%20estrangeiros%20que%20desejarem%20entrar,a%20seis%20\(6\)%20meses](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Os%20estrangeiros%20que%20desejarem%20entrar,a%20seis%20(6)%20meses.). Acesso em: 11 jul. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 7967 de 18 de setembro de 1945**. Dispõe sobre a imigração e colonização, e dá outras providencias. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7967-18-setembro-1945-416614-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 11 jul. 2024.

CARVALHO, Maurício de et al. **Produção de leite no município de Carambeí-PR: o caso dos produtores filiados à Cooperativa Batavo**. 2002.

CASTROLANDA. **Relatório Anual de Sustentabilidade 2023**. Disponível em: <https://www.castrolanda.coop.br/relatorios/relatorio-de-sustentabilidade-2023/>. Acesso em: 12 set. 2024.

CAVECHINI, Benê. **Paraná Cooperativo: Modelo Econômico e Social**. São Paulo: Metalivros, 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato et al. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-47.

CORRÊA, R.L. (2022). Agentes Sociales, escalas y producción del espacio: elementos para uma discussão. **Ikara. Revista de Geografias Iberoamericana**, Ciudad Real, n.2, p. 1-10, 20 dez. 2022. DOI: 10.18239/Ikara. 3256.

CUNHA, Luiz, A. G. Cooperar é preciso, viver também: a Batavo Cooperativa Agroindustrial e sua obra nos Campos Gerais. In: CHAVES, Niltonci B. (org). **Imigrantes – Immigranten. História da imigração holandesa na região dos Campos Gerais, 1911 2011**. Ponta Grossa, Estúdio texto, 2011, p.127 145.

DEBASTIANI, Jesiane. A política imigratória brasileira na Revista de Imigração e Colonização. **Em tempo de Histórias**, Brasília, v. 1, n. 32, p. 6-22, jan./jul. 2018.

DIAS, Bruno Bonsanto; FAJARDO, Sergio. Articulações entre o Estado e o cooperativismo agrícola: um estudo sobre as cooperativas de imigrantes holandeses nos Campos Gerais do Paraná. **Ra'e Ga**, v. 45, n. 1, 2018.

FAJARDO, Sergio; ROCHA, Márcio Mendes. **Cooperativismo e Contradições: o caso brasileiro**. Curitiba, Brasil: CRV, 2018.

FUNDAÇÃO ABC. **Quem somos**. Disponível em: <https://fundacaoabc.org/quem-somos/>. Acesso em: 12 set. 2024.

FRAGA, Letícia. **Os Holandeses de Carambeí: Estudo Sociolinguístico**. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.

GABRIEL, Keiton. **Geografia do cotidiano: representação espacial e resistência cultural na zona pessoal cotidiana (ZPC) de imigrantes em Castro-PR**. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GUIMARÃES, Diego et al. O BNDES e o apoio às cooperativas agropecuárias e agroindustriais. Brasília. **BNDES Setorial**, n, 42, p. 471-498, set. 2015.

KIERS-POT, Christina Hendrika. **Castrolanda: 50 anos 1951-2001**. Castro: Kugler Artes Gráficas, 2001.

LADEIRA, Hilda de Oliveira. **Um estudo sobre a imigração holandesa nos Campos Gerais**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 1976.

LIMA, Paula Caroline; SILVA, Paula Pires; BAVARESCO, Paulo Ricardo. Cooperativismo ao longo da história e as perspectivas para a atualidade. **Unoesc & Ciência - ACSA**, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 81-86, jan./jun. 2014.

LIMA, Samara Hevelize de. **Representações de espaços de memória: musealização da memória da identidade da colônia Castrolanda**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, 2021.

LUCENA, Wilson L. **Igreja Evangélica Reformada no Brasil em Castrolanda: religião, educação e trabalho em uma colônia holandesa: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2009.

LUIZ FILHO, Fabio. **Teoria e prática das sociedades cooperativas**. Rio de Janeiro: Olímpica Editora, 1946. 663 p.

LUYTEN, Sonia Maria Bibe. **Comunicação e aculturação: a colonização holandesa no Paraná**. São Paulo: Loyola, 1981. 151 p.

NAMORADO, Rui. Cooperativismo: história e horizontes. In: GEDEL, José Antônio Peres (Org.). **Estudos de direito cooperativo e cidadania**. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. 244 p.

PINTO, Florentino C et al. Uma história do Cooperativismo sob a perspectiva utópica. **ReAC – Revista de Administração e Contabilidade**, Feira de Santana, v.1, n.1, p. 61-75, jun/dez. 2009.

PINHO, Diva B. **A doutrina cooperativista nos regimes capitalista e socialista**. São Paulo: Pioneira, 1965. 161 p.

RAFFESTIN, Claude (1980). **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Rene Wagner. As colônias de Castrolanda, Witmarsum, Entre Rios e a agroindustrialização do campo no Paraná. **REVISTA NEP (Núcleo de Estudos Paranaenses) Curitiba**, v. 2, n. 3, p. 208-228, 2016.

_____. **Bento Munhoz da Rocha Netto, colônias e o poder político**. In: BEGA, Maria Tarcisa Silva; PESSOA, Kauê (Orgs.). **Desenvolvimento e Justiça Social: Perspectivas da Sociologia do Século XXI**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. p. 11-29.

REISDORFER, Vitor Kochhann. **Introdução ao cooperativismo**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2014.

RICKLI, João Frederico. **A 'comunidade da benção': religião, família e trabalho na colônia Castrolanda**. 2003. 93 p. Dissertação (mestrado em Antropologia) – Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

SALLES, Maria do Rosário R. Imigração e Política imigratória Brasileira no Pós Segunda Guerra Mundial. **Revista Cadernos Ceru**, São Paulo, v. 2, n. 13, p. 99-124, 2002.

SANTOS, Milton (2008). **Da Totalidade ao Lugar** (4ª reimpressão). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

SISTEMA OCB. **Números de Cooperativismo por ramo**. 2023. Disponível em: <https://anuario.coop.br/brasil/numeros-do-cooperativismo-por-ramo>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

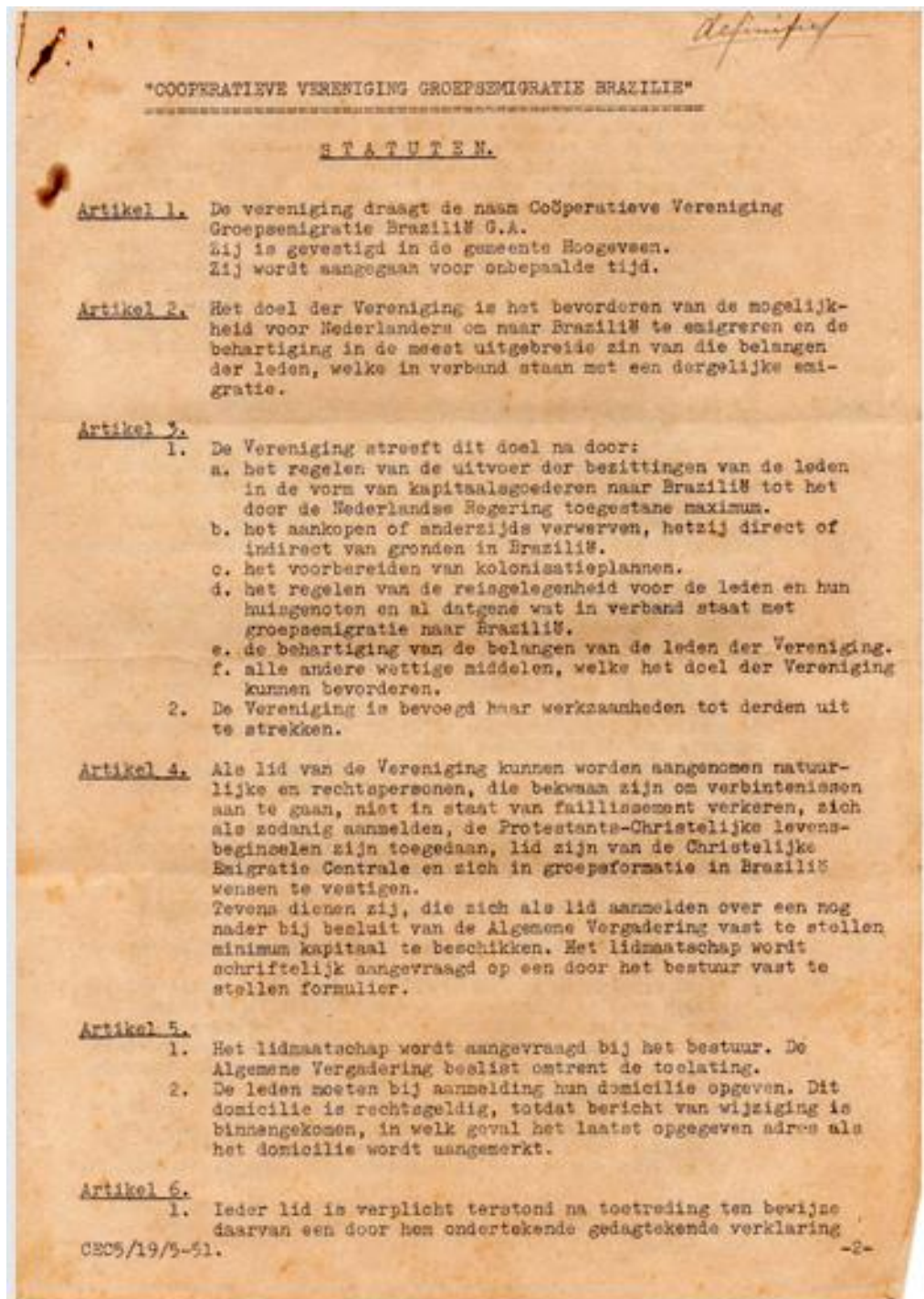
SOUZA, A. M., Ribeiro, C. E. N., Viudes, S. F., Miranda, I. T. P. (2007). A evolução histórica do cooperativismo. **Revista de Ciências Empresariais**, v. 4, n. 1, p. 35-42.

VERBURG, Marringje K. **O Bilinguismo em Castrolanda: Aspectos sociais da aquisição da segunda língua**. Dissertação (Mestrado em Letras) - UFPR. Curitiba, 1980.

WAIBEL, L. Princípios da colonização europeia do sul do Brasil. In: **Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1979. p. 225-277.

ZAN, André Kugler. **A Colônia Castrolanda**: narrativas da memória e identidade nas fotografias dos aniversários de formação (1991-2001). 2021. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, 2021.

ANEXO A - ESTATUTOS DA COOPERATIVA DE EMIGRAÇÃO EM GRUPO PARA O BRASIL (C. E. G. B.) EM NEERLANDÊS.



Fonte: Acervo Centro Cultural Castrolanda.

ANEXO B - ROTEIRO DE ENTREVISTA CCC ENTRE SONHOS E REALIZAÇÕES: A MEMÓRIA VIVA EM CASTROLANDA.

Projeto: Entre sonhos e realizações: A memória viva de Castrolanda
Perguntas que podem lhe ajudar a resgatar memórias e experiências

Introdução - História pessoal

Qual é o seu nome completo? Em que ano e onde nasceu?

Que lembranças tem da sua infância?

Sempre morou em Castrolanda?

Se for casado (a), casou-se em Castrolanda?

Qual a sua principal ocupação?

Caso tenha nascido na Holanda - Em que ano chegou ao Brasil?

Qual foi a sua impressão em mudar-se para um novo país?

Como foram os primeiros anos no Brasil?

Têm lembranças da imigração? Dos planejamentos?

Têm lembranças da viagem de navio e trem?

Como foi a chegada? O que trouxeram da Holanda?

No que eles trabalhavam nos anos iniciais?

Sabe como eram as divisões de trabalho na família?

Qual era sua participação?

Caso tenha nascido no Brasil - Em que ano sua família chegou ao Brasil?

O que seus familiares contavam sobre a Holanda?

Como eles narravam os primeiros anos no Brasil?

No que eles trabalhavam nos anos iniciais?

Sabe como eram as divisões de trabalho na família?

Família - Lembra-se como era a alimentação da sua família?

Como era o dia e o dia da sua família? Quais as principais atividades que desenvolviam?

Vocês tinham contato com amigos e familiares da Holanda? Como era feito?

Desenvolvimento da colônia

Como era a relação entre as pessoas da comunidade na sua juventude?

Havia muitas festividades e eventos esportivos?

Quais as atividades de lazer entre os jovens?

Quais eram as suas tarefas?

Vocês iam muito a Castro?

Como era o percurso diário para a escola e/ou para a Igreja?

Como era o dia-a-dia das mulheres na colônia?

Participava de grupos de mulheres/homens/juventude?

Ensino

A sua pessoa ou seus irmãos frequentavam a escola?

Estudava em português ou holandês?

Tem lembranças da época da escola?

Como foi a adaptação da língua no início?

Que cursos além da escola fundamental vocês fizeram? (Escola doméstica/escola agrícola/ensino médio/ensino superior)

Qual a importância da educação para sua vida e para a comunidade?

Religião

Vocês são membros de alguma igreja?

Como sua família ia aos cultos antigamente?

Como era a convivência com os (outras) membros da igreja?

Qual foi a importância dos pastores na vida da comunidade?

Participou de comissões/atividades vinculadas à Igreja? (p. ex. escola dominical, evangelização)

Como era a relação com as outras denominações religiosas?

Como a fé influenciou a união dentro da comunidade?

Atividades Sociais/Culturais

O Sr. /A Sra. ou um familiar participou de alguma comissão social / cultural de Castrolanda?

Quais suas experiências sobre isso?

Qual a importância das comissões na vida comunitária?

Participava de eventos como gincanas, Zeskamp, desfiles... etc?

Tem alguma lembrança sobre atividades culturais e esportivas que gostaria de compartilhar?

Agropecuária - Cooperativa

Que atividades produtivas sua família desenvolvia nos anos iniciais?

Quem da sua família foi/ é cooperado da Cooperativa Castrolanda?

Com que idade se tornou cooperado?

Qual o papel da cooperativa (fornecimento de ração, sementes, adubos, entre outros)?

Como ocorreu o desenvolvimento da Cooperativa e a interação com a comunidade?

Em que funções o Sr./a Sra. (ou membro da família) participou na Cooperativa?

Como era a produção de leite nas fazendas nos primeiros anos? Qual era o destino do leite?

Como era o manejo com o gado dos anos iniciais?

Quando iniciou o processo de gado confinado em Castrolanda?

Como eram preparado o campo para os cultivos?

Qual a importância do trabalho dos agrônomos nos anos iniciais?

Sua família participava dos eventos de exposição de gado na colônia?

Qual a importância da Cooperativa Castrolanda?

Conclusão

Pensando nos primeiros anos da comunidade ou de sua vida em Castrolanda, tem algum acontecimento, uma história que marcou, talvez um dia comum na família/colônia ou um momento descontraído para narrar e compartilhar conosco?

Como vê nossa comunidade hoje?